

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Ha bem poucos dias, a *Noticia* transcreveu amaveis commentarios da *Prensa* e da *Nacion*, sobre emigrantes que, não podendo supportar as inclemencias do clima do Brazil e outros horrores, foram procurar no abençoado sólo argentino, seguro abrigo e vasto campo, onde a prosperidade gréa em deliciosos fructos. Não nos surprehendeu mais essa prova do *affecto* que, cada vez mais, cimenta as relações de fagueira amizade entre as duas grandes republicas sul-americanas, porque os nossos gentis visinhos, apesar de frequentes e ardorosos protestos em contrario, não perdem vazão para perversas alfinetadas no credito do Brasil, o paiz das bananas e dos macacos.

Foi, porém, de assombro lamentavel, a impressão de um telegramma de Lisboa, editado pelo *Jornal do Commercio*, referindo que o conde de Bomfim falára na camara dos pares, pedindo a promulgação de leis que autorisem o governo a facilitar aos subditos portuguezes, que se acham no Brazil, sem recursos para regressar ao reino, os meios de repatriação para as provincias portuguezas do ultramar. E annunciou, como um successo, que a representação, mandada do Rio de Janeiro, sobre o estado precario dos emigrantes portuguezes, ia ser publicada no *Diario Official*, naturalmente para que soubessem os povos luzitanos que não floresce mais, na terra de Cabral, a miraculosa arvore das patacas, e que este paiz, considerado, para honra nossa, o Eldorado da emigração portugueza, descesse á cathgoria muito inferior á do sólo inhospito das costas africanas, com os seus pantanos medonhos, as suas feras e os seus cunhamas terríveis.

Não sabiamos que, nesse particular, como paiz de despejo dos excessos da população do velho continente, andavamos em vil cotação, apesar dos milhões despendidos pelo Imperio, com acertada prodigalidade, para fundar nucleos coloniaes nas provincias do sul; entretanto, nunca nos passou pela cabeça que nos desacreditassem em Portugal, ao ponto de enfraquecer a vigorosa corrente que as tradições glo-

riças, as affinidades ethnicas e os interesses, confundidos num affecto sincero, estabeleceram entre as duas nações.

Não nos vale sermos a mais prospera e a mais fecunda colonia portugueza; em nada contribuem para a nossa reputação os extraordinarios resultados da immigração allemã no Rio Grande do Sul, em Santa Catharina, no Paraná e a immigração italiana em S. Paulo, não falando nos turcos armenios e arabes—de vario colorido e exotica procedencia, que invadiram, e estão quasi monopolisando as pequenas industrias, especialmente o commercio a retalho— a mascateação que, num paciente trabalho de bróca, se interna no coração do paiz até aos mais remotos sertões. De nada serve a nossa carinhosa, a nossa instinctiva tendencia para a hospitalidade: nós figuramos ao estrangeiro um paiz infecto, ninho funesto de molestias assassinas, uma terra espantalha, que relembra, agora, o Brazil presidio, o Brazil terra de degrêdo.

Não sabemos se os factos indicados são ou não verdadeiros; não ha duvida, porém, que elles gritam, chamando a attenção do governo para o assumpto, cuja gravidade salta aos olhos mais inimigos das verdades acabrunhadoras, e traspassa as palpebras rebeldes á luz quando ellas se fecham para resistirem a essas dolorosas impressões.

O nosso ministro da agricultura é um bello rebento da colonisação teutonica. Não lhe deve, pois, passar despercebida a crise da immigração, para lhe procurar as causas, attenual-as e removel-as, desde que está demonstrado que os governos estaduaes não se submettem a essa maçada de cuidar do povoamento do territorio, assim como de outras coisas, que não estejam dentro das linhas acanhadas da réles e funesta politica dos governadores — esse pôlvo da Republica.

A oportunidade da intervenção do operoso ministro, está sendo reclamada, e abre-lhe brécha o projecto do deputado Abdon Milanez, reorganizando o olvidado serviço da immigração, o qual vem tarde, neste rabo de sessão, e está ameaçado de dormir nas profundezas dos estudos da commissão de obras publicas.

S. ex., ministro de longa vista, deve estar convencido de que é absurdo não ser o mais rico paiz do mundo um paiz de immigração.

EXTERIOR

As estrepolias da esquadra russa, em viagem para o oriente, abafaram os rumores do theatro da guerra, que continúa no fóco de toda a politica europeá.

Espera-se que Kuropatkine reivindique, com uma offensiva mais acertada e energica, os seus fóros de tactico, muito comprometidos nos ultimos combates.

Emquanto os adversarios se preparam, separados por alguns metros, para um novo encontro, parece que os heroicos defensores de Porto Arthur, em situação desesperada, agonisam em titanico estertor. Rasgados pela dynamite abrem-se em largas brechas os baluartes inexpugnaveis; voam os depositos de polvora e a implacavel chuva de obuzes mortiferos vae esfarlando e devastando o que ainda existe de ruinas para abrigo dos combatentes exaustos nessa resistencia epica, que passará á historia como um dos mais admiraveis feitos da bravura humana.

Emquanto ao sul se representa o epilogo da formidavel tragedia, nos arredores de Mukden, os japonezes recebem reforços consideraveis; avançam para leste em columnas compactas no intuito pertinaz de contornar o exercito russo que vae manobrando, cautamente, á espera de recursos de resistencia pouco provaveis, porque o inverno que se aproxima com intensidade excepcional difficulta as communicações.

Annuncia-se, como propicia nova, a retirada de Alexieff para S. Petersburgo, libertando os russos da Mandchuria de sua influencia nefasta, porque o almirante vice-rei já foi consagrado como aza-negra da campanha, cuja direcção, desde o inicio, foi muito prejudicada pelas dissenções entre os dois chefes.

* *

Quanto ao incidente de Hull, parece assentado que o Csar pagará ás victimas de seus marinheiros allucinados, uma indemnisação de dois milhões de rublos, se bem que esteja convencido da veracidade do relatorio do almirante Rodjestvensky. A Inglaterra, numa attitude desconfiada, aguarda, armando-se até aos dentes, os resultados do inquerito.

Para confirmar o adagio—*a quelque chose malheur est bon*— os revêzes da Russia têm determinado reformas humanitarias, que concorrerão para desbarbarisar o grande imperio moscovita e acalmar a agitação revolucionaria que vae alastrando aterradora.

Em commemoração ao decimo anniversario de sua ascenção ao throno, o Csar Nicoláo assignou um decreto ampliando a liberdade de imprensa.

POJUCAN

O bem que podemos fazer ás creanças

II

Quem entra ás horas de refeição em uma casa do Rio de Janeiro, fica devéras surpreso. Em uma sala acanhada, (a elegante e higienica é só para as visitas admirarem) sentam-se á mesa crianças e adultos, e á frente

do talher de adultos e crianças, alinham-se caixinhas de pilulas ou de capsulas, vidros de xarope ou de vinhos, amarellados e finos conta-gottas de soluções. Ninguém logra saúde, pelo que se vê. As senhoras precisam sempre de tonicos, de tonicos precisam sempre os meninos. E será com a absorpção de medicamentos, poucas vezes aconselhados pelos competentes, que se fornecerá aos pequeninos, a dupla nutrição de que necessitam para viverem e para crescerem?

A's crianças, e mesmo as de pessoas abastadas, não rodeia uma revigorante atmosphera. Dormem em quartos mal ventilados, que o dia inteiro abafam cortinas e reposteiros, senão nos malfadados porões, a mais abominavel das especies de domicilios. Custa mesmo crer que pessoas de criterio se confinem a aposentos baixos, não raro humidos, mal dispostos e pouco convidativos. Alli, muitas familias passam os dias, (para não se estragarem os estôfos ricos dos salões) e nem ao menos os meninos aproveitam dos magnificos jardins que circulam os predios opulentos. Jardins são objectos de ornato, contemplados com inveja pelo transeunte, e absolutamente não gozados pelos possuidores. A disposição pacovia e symetrica que o jardineiro dá ao que lhe é confiado, corresponde á abstenção de interferencia dos donos ou de seus filhos. Os meninos podem destruir a grama ou quebrar as roseiras; é-lhes sufficiente um porão para recreio.

Não cuido que assim possamos preparar para as grandes luctas, que não tardam, as gerações que nos não de succeder. O estrangeiro, que ahi vem, em legiões, atravessando o Atlantico, traz em sua alma a ambição de uma patria. Mourejou além, foi vencido, emigrou. O que procura é a conquista ultima da tranquillidade e da fortuna, e para a empreza está armado com o esforço o mais decidido e a experiencia da vida, que por completo nos falta. Vae medir-se com um adversario fraco: a escravidão, a facilidade de existencia não nos ensinaram a trabalhar; o descaso paterno malbaratou a educação physica indispensavel. Nem todos podem ser atletas; todos devem ser homens.

E' certo que a assistencia á infancia começa antes que a criança exista. As uniões enfermigas difficilmente aperfeiçoarão a especie. Mas, não sei como inscrever uns severos preceitos de hygiene na escada de seda de Romeu. No jardim dos Capuletos, na hora rapida e eterna da entrevista, os olhos não sabem ler. Nem elles enxergam mais que um só objecto e um destino unico, se a integração do homem no matrimonio não decorre do raciocinio. De modo que, nesse particular, descreio dos alvitres coercitivos.

O eminente professor Souza Lima já propoz em um Congresso Medico, a intervenção do patrio poder para vedar o casamento aos tuberculosos. Ampliou o conhecido profissional algumas disposições legais, e pensou em sujeital-as á apreciação dos juristas. Talvez que, bem ventilado, encarado sob as multiplas faces, o assumpto fornecesse qualquer elemento util á nossa legislação; mas, por ora, ainda jaz em o numero dos que não têm sido devidamente estudados.

Não o merecera, porque os filhos de tuberculosos não se mostram os mais perfeitos modelos de robustez. Tambem trazem comsigo heranças funestas as creanças outras, cujos paes corroidos pelo alcool ou por mais feroz miseria, legam temiveis calamidades á prole. Estará ella para sempre condemnada? E' irremediavel a acção do legado pathologico?

A velha instituição dos «medicos de familia» cahiu em desuso. O profissional que conhecia os accidentes morbidos de mais de uma geração e poderia guial-as á aquisição da saúde, quasi não existe mais. Chegamos á perfeição de se curarem as doenças sem lhes saber os nomes, ao menos: tudo quanto ao sobrenatural parece approximar-se é o melhor acceito do nosso povo adiantado. E' dest'arte bem pouco valor assiste ás noções positivas, que os verdadeiros homens de sciencia accumularam após seculos de investigações, e que campeiam como verdades indestructiveis nos centros civilisados.

A' hygiene bem dirigida cabe cercar a possivel explosão de affecções herdadas. Sirvam de exemplo os resultados que assignala o dr. Mercier. O orphanato agricola de Douet, em França, abrigou durante longos annos 127 crianças, das quaes 79, como foi verificado, eram oriundas de paes tuberculosos: desses meninos tres apenas succubiram á mesma affecção. E' dos irmãos delles, e que permaneceram no seio das respectivas familias, que não foram hygienicamente tratados e isolados, cincoenta por cento morreram tísicos!

Ora, se a organismos originariamente debeis foi possivel emprestar a necessaria vitalidade para resistirem á predisposição legada, mais suave será a tarefa dos progenitores para tornar fortes e aptos os meninos isemptos de qualquer mácula morbida. Evidentemente quasi nada se adiantará com a ingestão inopportuna de drogas e a inobservancia de comesinhos principios. Tampouco o medo do ar e as flannels constantes fortalecem os corpos. A subserviencia a taes receios reduz o homem a um ser desgraçado. Ter pavor do frio e do sol, da chuva e da noite, da madrugada e do luar, não sei se poderá chamar-se viver. «Vivre

médicalement c'est vivre misérablement», já escrevia Locke, a censurar tão perniciosos exaggeros. A primeira condição para ser feliz, é ser forte.

Devemos, então, acima de tudo, fornecer aos meninos ar puro e sempre renovado; aposentos largos e claros. A alimentação substancial e simples: café e bebidas alcoolicas são venenos para a tenra idade. A's salas de espectáculo sobrelevam, em vantagem para o cerebro e para os musculos, os passeios ao campo e ás florestas: a Gavea, a Tijuca ou a Copacabana, que excellentes logares para recreio aos domingos!

A gymnastica impõe-se, desde que seja attingido certo gráu de desenvolvimento. Mas, deve ser proporcional á constituição de cada um, e dirigida segundo opinião de medico. Não é indifferente sujeitar ao mesmo exercicio, pessoas de compleição diversa, e a banalidade desse conceito vive esquecida a todo o instante. Nos collegios tem-se em geral a opinião do publico: A gymnastica é uma cousa excellente, da qual não queremos saber de modo algum. E, por isso, que seja administrada de qualquer geito, com exito ou com prejuizo do menino.

Que a criança precisa de exercicio, o bom senso proclama. Desde o berço começa ella a mover os membrosinhos roseos. Levanta as pernas, sacode-as, sorri-se. Depois, deleita-se a mirar os dedos e agita os braços effusivamente. Já sustem a cabeça e senta-se alegre. Vae se arrastando, agarra-se aqui e acolá; anda emfim. E' quem não conhece a poesia daquelle primeiro passo, que a pintura fiamenga fixou na téla immortal?

Começa, então, a marcha. Vae cambaleante, mas vae. E' logo que o equilibrio se firma, o andar é a carreira. Correr, pular, mover-se, eis a aiegria das crianças. A natureza dellas repelle a estagnação pachorrenta da velhice. O coração não se lhes cança, ainda que saltem em horas de ininterrupto folgar. E' o que lhes brilha então no olhar satisfeito é o prazer sem mancha, a grande ventura, a aiegria de viver.

Ajudemos---e é tão facil!--o trabalho proficuo do organismo que cresce. Demos-lhe o pouco que pede na meninice: a adolescencia virá melhor, e a mocidade será realmente a mais dourada pagina da vida.

DR. FERNANDES FIGUEIRA

O AMOR NA PROSTITUIÇÃO

O caso ainda deve estar na lembrança de toda a gente: em uma casa de commodos da rua Santa Anna almoçavam dois homens e uma meretriz, todos de nacionalidade italiana; um dos homens, casado com a prostituta, era,

em relação a ella, o que entre nós se appellida azeiteiro ou *casten*; na Italia *ruffiano*; na França *souteneur*; o outro, criatura bem conhecida no nosso estreito mundo criminal, partilhava das preferencias da desgraçada, parecendo viverem os trez em boa harmonia; de repente, o primeiro desfecha, a queimou, de surpresa, um tiro de revolver contra o segundo; mata-o; a mulher é alvejada em seguida, vacilla e tomba, nas ancias da morte; o homicida, então, em lance de supremo desespero, põe ao ouvido o canno do revolver e suicida-se.

Circumstancias e minucias, depois apuradas, tornam certo que os homicídios revestiram a forma de verdadeiros justicamentos, premeditados e nascidos de paixão violentissima e acabradora. A desconfiança vinha de algum tempo; já entre o *ruffiano* e a meretriz houvera troca de palavras acerca das relações que elle suspeitava existirem entre ella e o outro. O almoço, que tão tragicamente acabou, foi, portanto, uma terrivel cilada, a que serviu, está provado, inconscientemente o braço da mulher, escrevendo o convite que attraíra a primeira victima. Que ao tiro não precedeu discussão acalorada, nem luta, prova-se por duas circumstancias: dando-se o facto em modesta casa de commodos, ninguém ouviu qualquer signal de altercação entre as pessôas que almoçavam naquelle compartimento; Antonio Ferro foi encontrado morto junto á propria cadeira em que, antes, sentado, tomava a refeição, vendo-se no chão a garfada que ia levando á bocca quando foi atingido. Explicação unica: trata-se de um crime de vingança, crime de ciume, crime de amor.

Vem á baila o debatido problema de psychologia que consiste em sàber-se si ha, de facto, *amôr* nessas relações repugnantes do rufião e da meretriz. O geral da opinião é negativa. Caracterizando-se o amor, como nos ensina, entre outros, o velho magistrado Luiz Proal, pelo desejo da posse exclusiva, parece, absurda sua existencia dada a innegavel prostituição da mulher. E na falta dessa explicação para as uniões lamentaveis a que nos referimos, logo acódem outras: o terror que o miseravel incute á desgraçada é que a mantém aparentemente affectuosa, e d'ahi resultam para elle essas quasi inexplicaveis dedicações e preferencias. Da parte do homem o que domina é pura e simplesmente a preguiça e a ganancia; para viver vida folgada, sem trabalhar, faz-se amante da prostituta.

Ahi está a solução mais simplicista; dá-se o phenomeno por averiguado *segundo sua feição exterior*, sem maiores indagações, nem demoradas cogitações.

Presumida a impossibilidades de se dedicar amor á mulher publica, con-

clue-se, pela certa, que só o terror e a cobiça alimentam essas ligações que ahi vemos florir, no mundo prostitucional, como exquisitos productos da lama.

.. Mas, as realidades da vida todos os dias protestam contra essas e outras soluções, de facil arrançamento. A constante e purissima espiritualisação do amor já não vae além dos romances á Ohnet.

A subordinação desse sentimento ás contingencias da natureza humana e á miseria social do nosso tempo, não escapa aos menos observadores. Estudam-se, com cuidado esmeril, todas as fraquezas e todos os delirios do amor morbido, as dissoluções doentias da «força de amar»; outrosim, se estudam as variadas formas que a lucha das classes imprime aos gozos do amor: --- requintados, ideiaes, quasi divinos, nas camadas sociaes superiores, onde a Religião, a Educação, e a Moral tradicional impõem suas leis; lubricos brutaes, cheios de animalidade, nas camadas de baixo, onde a *bête humaine* vive á mercê dos instinctos, gritando as duas eternas fomes que atormentam o individuo e a especie!

Entre aquelle amor normal, sentimento nobilissimo, que cimenta a familia e serve de base para a harmonia collectiva, e este amor puramente animal, que tem suas raizes nas necessidades organicas, no desejo instinctivo e indomavel da perpetuação da especie, o Vicio criou outro amor sensual e extranho, que encontra satisfação num só momento de entrega plena e de gozo partilhado, que se alimenta da propria miseria e da mesma vergonha, vivendo na sombra do prostibulo, cercado do opprobrio social. Para que negal-o, si esse amôr existe? Suas manifestações ali estão, frequentemente, despertando a attenção dos homens da Policia e da Justiça, dos sociologos e dos psychologos. Onde quer que o meretricio plante uma tenda escandalosa, esse amor se impõe á observação e ao estudo:---domina na prostituição livre, na que vive fermentando dentro dos bordes, bem como na clandestina e na do *demi-monde*.

Aqui é o *souteneur* que acompanha a prostituta e a defende, nas occasiões propicias, bem como a ajuda no trabalho da *racolage*; mais adiante, é o *amant du cœur*, que exalta os triumphos da actriz em vóga e recebe a recompensa em delirantes caricias, quando *o que paga* não está em casa.....

Ambos são amados --- cada um por suas qualidades. Amdos amam---cada um a seu modo. E provas sobejas do seu amor dão esses homens, em mais de um lance da existencia amargurada, commettendo crimes, manifestando loucos ciumes, soffrendo cruciantes dores, quando succede fugir-lhes a mulher que lhes dá, com seu amor gratui-

to, a suprema consolação da vida. Proclamam a existencia desse amor, que viceja no meio da prostituição, a chronica da Policia e a chronica dos tribunaes. . . .

Parece que não tinha razão Luiz Puybaraud, quando, no seu substancioso livro acerca dos malfeitores profissionaes, insinuava que nessa ligação da prostituta ao seu *amigo*, se misturam amor, terror e desprezo. Pode haver casos, bem raros, em que só o terror explique o facto. (Dizemos raros, porque dada a protecção que modernamente as policias dos paizes civilisados dedicam ás mulheres publicas, com prejuizo e desvantagem dos seus *parasitas*, ellas com facilidade se desligam dos que se mostram exigentes e brutaes).

A verdade, porém, é que da parte da mulher prostituida existe, tambem, essa necessidade de ser especialmente protegida e amparada, de ter alguém a quem dedique mais affeição do que a um freguez indifferente que paga e passa, de poder confiar na dedicação de um homem. Si este se faz terno e amoroso, si corresponde á affeição particular que lhe é tributada, consegue, pela reciprocidade do affecto, formar para os dois um mundo sentimental, que nós bem pouco conhecemos, no seu íntimo, mas que indiscutivelmente brilha a nossos olhos, quando o observamos, em determinadas condições. Já dissémos quaes são as mais favoraveis: o amor na prostituição deve ser examinado atravez da experiencia policial e da chronica judiciaria. Vimos como Puybaraud, não obstante ser fino observador, nesse ponto nos transmittiu uma impressão que reputamos falsa.

Feliz foi, no nosso pensar, o ex-chefe da Segurança Goron. Para elle, uma das observações mais curiosas que pode fazer, no mundo das prostitutas e dos *seus homens*, foi a da violencia da paixão amorosa manifestada entre elles. O ciume—diz Goron—occupa, nos seus amores, o maior espaço. O *souteneur* que monta sentinella em um canto de rua para vêr si a *marmita* trabalha bem, attrahindo gentilmente os freguezes — sente-se possuido de ciume feroz, *desde que ella dá a parceber que se quer entregar a outro souteneur*.

Nas linhas gryphadas é que «bate o ponto», como diz o povo.

A proposito cita Gorou, com muita propriedade, o caso de Eyraud com Gabriella Bompard.

Vale a pena recordal-o, em breves palavras, soccorrendo-nos do que a respeito escreveram Alberto Bataille, Laurent, Mauricio Talmeyr e outros. Eyraud era um tratante, cheio de vicios, que vivia agarrado ás saias de Gabriella Bompard, rapariga não menos viciosa, hystérica, que, desde algum tempo, exercia a prostituição

clandestina em Paris. Combinaram atrahir um velho endinheirado, Gouffé, para o matar, procurando apoderar-se dos seus bens. O crime foi executado friamente, em condições sinistras, quando a victima toda se entregava ás sabias caricias de Gabriella.

Conseguiram os criminosos escapar, durante mezes, á prisão e ao processo, ficando ignorada a autoria do crime.

Certo é, porém, que Eyrand, o ruflão desbriado, o homem que animava a prostituição da amante, certo dia escreveu a Goron uma carta, denunciando-a, e assim, se denunciando, porque estava louco de ciúmes, vendo Gabriella tomada de amores por outro homem, não mais deícando a elle aquelle particular affecto, aquella « preferencia sentimental » dos velhos tempos.

Para o *souteneur*, como para o nosso azeiteiro --- o freguez, o homem que paga, nada exprime; quem lhe provoca o estrugir do ciúme, quem lhe agita as fibras mais fortes do amor animal, é o *novo amante*, o *novo querido*, o que, até certo ponto, lhe vem roubar o seu thesouro; só este é concorrente temível, que deve ser eliminado, por bem ou por mal.

O vagabundo — jogador ou o soldado arruaceiro que, entre nós, maneja a navalha ou o revolver, nas baiucas da rua do Regente ou da Conceição, disputando, semi-alcolizado, a posse da rameira preferida, é bem igual a esses *souteneurs* descriptos por Goron e por Macé, que desafiam os rivaes para duellos de morte, e, na presença das suas *marmitas*, talham a gloria dos seus nomes a golpe de faca. Goron descreve o entusiasmo da prostituta que, findo o combate, quando o vencedor segue caminho da prisão, corôa a victoria, proclamando, bem alto, o amor que lhe devota.

O facto, talvez, se prestasse a servir de prova á theoria atavistica de Lombroso, si elle já não a tivesse abandonado ha muito tempo. Incontestavelmente, lembra as luctas entre povos primitivos para a posse das mulheres. Era, mesmo, possível ir além, entrar pelo terreno do atavismo pre-humano, e encontrar semelhança entre o facto narrado por Goron, e por nós alludido, e os combates entre certos animaes, como os veados, quando chega o tempo de amar e lhes é forçoso pleitear a posse da femea...

Mas, deixemos isso, que nos levaria longe.

Reatemos o fio das nossas considerações. Resumimos o caso, apontado por Goron, de Eyrand denunciando Gabriella Bompard, sua cumplice, por ciúme de um novo amor a que ella correspondia, quando era certo que, antes, sempre, permittira a franca prostituição da rapariga.

Aqui temos outro facto identico,

anteriormente succedido, e que nos é referido por Macé, no MON MUSÉE CRIMINEL. Em agosto de 1876, foi assassinada, em Paris, uma velha que se occupava na guarda da famosa torre Malakoff.

Recahiram suspeitas em um tal Alberto, *souteneur*. Não obstante sérias pesquisas, não se descobriu seu paradeiro. Um anno depois, o assassino veio entregar-se. Porque ?

Porque queria vingar-se da sua amante e cumplice, a prostituta Hortencia Louet, que acabava de abandonar-o, para acompanhar outro homem da sua laia. O ciúme levou o desgraçado ao ponto de arrostar a guilhotina...

* * *

Nesta cidade, deu-se, ha annos, um facto bem semelhante ao que provocou este ligeiro estudo.

Em 1889 brilhava, aqui, no mundo da prostituição, a bella Alzira Rosa, quando se apresentou, entre seus admiradores, um sujeito de typo hespanholado, que deu o nome de Antonio Garcia. Emquanto teve dinheiro, gastou á farta, trazendo a mulher completamente illudida. Depois, mudaram-se para essa mesma rua de Santa-Anna que acaba de figurar na chronica do crime. Garcia revelou-se um refinado cavalheiro de industria e desabusado explorador de mulheres. Alzira, aborrecida com a falta de recursos e envergonhada com uma accusação de roubo que pesára sobre o amante, resolveu separar-se. Demais, appareceu, na occasião, um afortunado toureiro, que conseguiu fazer-se, no coração da bella mundana, substituto de Garcia. Este dissimulou quanto poudes a ira que, desde logo, o dominou; e conseguiu não repetir as tremendas scenas de ciúme que atormentaram os primeiros tempos dos seus amores.

Certo dia, tendo Alzira mudado a residencia para o « Hotel Ravot », alli foi Garcia pernoitar com ella. Era um sabbado. No dia seguinte, sahiam como bons amigos, almoçaram no « Pariz », dirigindo-se, em seguida, para uma casa de commodos da rua da Assembléa, fechando-se no quarto occupado por Garcia. O que ahi se passou ninguem soube, antes de ouvir detonações repetidas de uma arma de fogo.

Os que alli penetraram viram já cadaveres Alzira e Garcia.

O illustre criminalista dr. Viveiros de Castro, de quem aproveitámos a narração deste caso, propondo-se explicar seu motivo, regimenta-se decididamente entre os que não admittem o amor e o ciúme manifestados por parte de um homem como Antonio Garcia.

Entretanto, aqui, como nos casos

referidos, uma *nota psychologica*, uma circumstancia *determinativa*, é constante: esses homens que admittem a prostituição da mulher amada, que vivem della, que são parasitas do metreticio, que se sujeitam ao mais degradante dos papeis, só não toleram que outro, *nas mesmas condições*, venha se lhes collocar no caminho.

Não são os *homens* que lhes excitam os nervos e lhes fincam as garras do ciúme; é o *homem*, o novo preferido, o que váe ser ou já está sendo amado, por aquella forma toda particular, especialissima, com que a prostituta os captivou e os prendeu. Para Antonio Garcia em pouco importavam os gozos bem remunerados que Alzira distribuia a freguezes de passagem; apenas, não podia admittir a ligação com o toureiro, cujo fundamento se encontrava provavelmente em qualidades superiores de destreza e de vigor, e não em lucros pecuniarios. Mais feliz do que Antonio Ferro, o toureiro não se achava em frente do revolver de Garcia. Talvez fosse obra do acaso, talvez simples effeito de cobardia.

Seja como fôr, o que liga os dois casos é a identidade do processo de vingança.

E ainda se deve notar, em apoio da these que sustentamos, uma circumstancia: nem Antonio Ferro, nem o toureiro era um *parasitario* concorrente. Aqui, o lado do interesse material não se revêla, como poderiam dizer, pelo despeito. Só se pôde divulgar, em casos taes, a manifestação do amor pelo ciúme.

E' extranho, confessamos; mas é uma realidade da vida. Outras, ha ainda mais extranhas!

EVARISTO DE MORAES.

PAGINAS ESQUECIDAS

O CRITICO E O GATO

Deus fez o homem á sua imagem e semelhança, e fez o critico á semelhança do gato.

Ao critico deu elle, como ao gato, a graça ondulosa e o assôpro, o rhon-rhon e a garra, a lingua espinhosa e a *calinerie*. Fel-o nervoso e agil, reflectido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até á tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indifferentes, e terrivel com aggressores e adversarios. Um pouco lambareiro talvez perante as bellas coisas, e um quasi nada sceptico perante as coisas consagradas; achando a quasi todos os deuses pés de barro, ventre de giboia a quasi todos os *homens*, e a quasi todas os tribunales, portas travessas. Amigo de fazer *jongleries* com a primeira bóla de papel que alguém lhe atire, ou seja um

poema ou seja um tratado, ou seja um código. Paciente em aguardar, manso e apagado, com um ar de mysterio, horas e horas, a sortida de um rato pelos interstícios dum tapume, e pelando-se, uma vez caçada a preza, por fazer da agonia della, uma distracção; ora enrolando-a como um cigarro, entre as patinhas de velludo; ora fingindo que lhe concede a liberdade, e atirando-a ao ar, recebendo-a entre os dentes, roçando-se por ella e mordendo-a, té a deixar num picado ou num frangalho.

Desde que o nosso tempo englobou os homens em tres cathogorias de brutos—o burro, o cão e o gato—isto é, o animal de trabalho, o animal d'attaque, e o animal de humor e phantasia—porque não escolheremos nós o *travesti* do ultimo? E' o que se quadra mais ao nosso typo, e aquelle que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

FIALHO D'ALMEIDA.

* * *

A MONARCHIA, SEGUNDO NABUCO

Nenhum homem vale nada, porque nenhum é sustentado pelo paiz. O presidente do conselho vive á mercê da corôa, de quem deriva a sua força, e só tem apparencia de poder quando se julga em logar-tenente do Imperador e crê ter no bolso o decreto de dissolução, isto é, o direito de eleger uma camara de apaniguados seus. Os ministros vivem em uma escala inferior, á mercê do presidente do conselho, e os deputados em terceiro plano, á mercê dos ministros. O systema representativo é assim um enxerto de fórmulas parlamentares em um governo patriarchal, e senadores e deputados só tomam a serio o papel que lhes cabe nessa parodia de democracia, pelas vantagens que ella lhes produz. Supprima-se o subsidio e obriguem-se elles a não servir-se de sua posição para fins pessoais e de familia, e nenhum homem que tenha o que fazer se prestará a perder seu tempo em taes *skiamaxiai*, em combates com sombras, para empregar uma comparação de Cicero... Ministros sem apoio na opinião, que, ao serem despedidos, caem no vácuo; presidentes de conselho que vivem noite e dia investigando o pensamento esotérico do Imperador; uma camara consciente de sua nullidade e que só pede tolerancia; um senado que se reduz a ser um Pritaneu; partidos que são apenas sociedades cooperativas de collocação ou de seguro contra a miseria; todas essas apparencias de um governo livre são preservadas por orgulho nacional como o foi a dignidade consular no imperio romano; porém, no fundo, o que temos é um governo de uma simplicidade primi-

tiva, em que as responsabilidades se dividem no infinito, e o poder está concentrado nas mãos de um só. Este é o chefe do Estado. Quando alguém parece ter força propria, autoridade efectiva, prestigio individual, é porque lhe acontece estar nesse momento exposto á luz do throno; desde o momento em que dá um passo para a direita ou para a esquerda, e se aparta do séquito, ninguém o nota na obscuridade».

Reformas nacionaes. — O abolicionismo, Londres, 1883.

* * *

«A sessão de hontem (a em que os conservadores annullaram o diploma de José Marianno) resume a corrupção e a degradação do nosso systema de governo; é impossivel que o paiz, depois de ter conhecido a abjecção a que tocou esse systema, continúe por muito tempo sujeito a elle e não faça desde logo um esforço para salvar a sua dignidade e o seu nome!»

* * *

«Ha neste paiz duas instituições que eu não sei si se estimam ou si se odeiam, mas que se unem para avasalar tudo o que quer ser independente e livre... — a monarchia e a escravidão!»

Discurso proferido em 1885, ao apresentar-se á camara, o ministerio Cote-gipe.

* * *

AS GRANDES BATALHAS

Para se avaliar a intensidade dos ultimos encontros, na Mandchuria, damos o funebre quadro das batalhas mais mortíferas do ultimo seculo:

BATALHA DE AUSTERLITZ

2 de dezembro de 1805

	Francezes	Austro-russos
	80.000 homens	90.000 homens
perdas	7.000 "	20.000 "

* * *

BATALHA DE EYLAU

8 de fevereiro de 1807

	Francezes	Russos
	70.000 homens	75.000 homens
"	15.000 "	25.000 "

* * *

BATALHA DE WAGRAM

6 de julho de 1809

	Francezes	Austriacos
	150.000 homens	140.000 homens
"	16.000 "	24.000 "

* * *

BATALHA DE MOSCOVA

7 de setembro de 1812

	Francezes	Russos
	130.000 homens	140.000 homens
	30.000	60.000

* * *

BATALHA DE LEIPZIG

15 a 19 de outubro de 1813

	Francezes	Alliados
	180.000 homens	310.000 homens
	25.000	45.000

BATALHA DE SADOVA

2 de julho de 1866

	Prussianos	Austriacos
	220.000 homens	200.000 homens
	780 canhões	700 canhões
perdas	9.000	23.000

* * *

BATALHA DE SAINT-PRIVAT

14 de agosto de 1870

	Francezes	Allemaes
	120.000 homens	200.000 homens
	430 canhões	720 canhões
	12.000	15.000 "

* * *

BATALHA DE SEDAN

1 de setembro de 1870

	Francezes	Allemaes
	120.000 homens	180.000 homens
	430 canhões	550 canhões
	14.000	13.000 "

Deste quadro se verifica que a batalha mais sangrenta foi a de Moscova, onde os adversarios estiveram heroicamente em proporção; os officiaes se bateram e sacrificaram a vida como os soldados, e cinquenta generaes foram, de parte a parte, mortos ou gravemente feridos. O mais formidavel encontro dos tempos modernos foi o de Leipzig, agora excedido pelo de Liáo-Yang, entre 520.000, e o de Ien-Tai entre 590.000 homens.

CASA VASIA

Ha dez annos, em certa casa, vi-a
Moça, forte, feliz, garrida e bella;
E amei-a, e a casa — o doce ninho della
Muito mais do que um templo parecia.

Parti, depois. Que lugubre era o dia!
Que triste vento o que enfunava a vela
Do barco em que eu, áquella minha estreita,
— Della, embora nostalgico — fugia.

Vólto, e a antiga paixão inda me abraza...
Busco-a, sem vél-a... Chamo-a, a casa é fria...
Vae-se-me o animo; foge-me a razão;

E eis-me a tactear a velha e muda casa
A' tóa! A muda casa era vasia;
Era a imagem daquelle coração!

PEDRO RABELLO

SCIENCIA E INDUSTRIA

PHOTO-TELEGRAPHO

Os mais rapidos processos de transmissão do pensamento humano a grandes distancias, erão os executados pelosapparehos telegraphicos de Hughes de Wheastone, de Baudot, que foram agora excedidos por um novo aparelho allemão de Siemens e Halske, baseado sobre a photographia e o emprego de correntes electricas de alta tensão, obtendo um coeficiente de duas mil letras por minuto, cerca de vinte mil palavras por hora.

Esse maravilhoso aparelho consiste — na estação de partida — de um instrumento semelhante a uma machina

de escrever, permittindo traduzir o despacho transmittido pelo expeditôr em uma série de pontos, formando caracteres especiaes perfurados por ponções em uma tira de papel, que, contendo a série de telegrammas a enviar, é collocada num apparelho de contacto, munido de um disco de transmissão que gyra duas mil voltas por minuto, e que envia, a cada turno, um signal correspondente a um dos caracteres perfurados.

Na estação de chegada ha uma roda, tendo na peripheria, agrupados em certa ordem, 45 letras, algarimos, signaes de pontuação, a qual tambem gyra duas mil vezes por minuto. Diante desta roda, move-se, continuamente, uma tira de papel photographico sensibilizado. A cada volta, quando a letra correspondente ao signal transmittido da estação expeditora, passa diante da tira, uma scintilla electrica salta e photographa a letra sobre a tira. Esta parte do apparelho está encerrada numa camara escura.

Uma vez impressionada, a tira se desenrola num prolongamento da camara escura, onde entra em contacto com um primeiro compressor com esponja embebida de liquido revelador, depois com outro com o fixador e, finalmente, com o terceiro, guarnecido de caoutchouc, para seccar a tira—que sae, então, do apparelho para ser collocada nas formulas, e remetida ao destinatario. A parte photographica da operação dura nove segundos.

Este novo systema, assumpto de um estudo publicado por M. Lucien Fournier na *Nature*, produzirá uma benéfica revolução na telegraphia, facilitando o trabalho de recepção e expedição e reduzindo o custo dos telegrammas a taxas minimas.

* * *

NAUPATHIA

Referimos em um dos nossos numeros anteriores, o caso de um embaixador que se curou de enjôo, olhando para um espelho, cura explicada como um phenomeno de autosugestão.

O facto de se attribuir o desastre da esquadra russa, na memoravel sortida de Porto Arthur, ao enjôo do almirante Witherft, morto no combate, chamou para essa terrivel molestia a attenção dos profissionaes, e um destes, notavel medico da marinha franceza, emittiu a seguinte opinião:

Para prevenir e neutralisar a nau-pathia nada eguala a suggestão. Muitas pessoas particularmente sujeitas a esse mal na fórma mais grave, obtiveram desse meio de cura resultados magicos, o beneficio inesperado de uma immundade tutelar. No momento de embarcarem o medico lhes prohibia de ficarem doentes, creando, assim, graças a uma allucinação benéfica,

um centro inhibitorio de reflexos lamentaveis.

Esse processo já foi objecto de uma communicação á Sociedade de biologia de Pariz e é muito empregado em psychoterapia. Os drs. Bérillon, Garodischze empregam com successo a suggestão não somente contra o enjôo, senão contra o alcoolismo, a morfomania e muitas outras phobias, manias ou pathias, provenientes de uma excitação permanente ou passageira do systema nervoso.

Os fascinadores desse genero não se encontram, infelizmente, nos caes ou a bordo dos navios, e nem todos os doentes são susceptiveis de hypnotisação.

De accordo com o dr. Rafael Dubois, as modificações occasionadas pelo balanço das vagas na circulação e respiração abdominal se traduzem, principalmente, por uma alteração profunda da ventilação pulmonar, produzindo uma especie de intoxicação do ar residuo, necessariamente viciado. Dahi, um principio de asphyxia, como succede na atmosphaera reduzida de uma sala onde ha muita gente.

A bordo de um navio, no convéz, não falta ar fresco e puro, mas dá-se o mesmo que si elle fosse corrompido: os pulmões desorientados não o podem absorver a contento.

Os peiores accidentes se manifestam nas senhoras, cujo peito está apertado pelo espartilho, impedindo a livre expansão dos pulmões. Além disso, o primeiro indicio do enjôo é, na maioria dos casos, essa especie de sêde de ar, provocada pela inconsciente sensação da deficiencia de oxigeneo.

Assim, se explica logicamente, o conselho de combater o mal por meio de uma gymnastica respiratoria methodica, de modo a accommodar as respirações e inspirações ao systema do balanço.

O dr. Raphael Dubois recommenda não só contra o enjôo como contra o mal das montanhas, as inhalações de oxigeneo, cujo effeito é neutralizar a acção nefasta da accumulção de ar viciado.

O ALMIRANTE

(5)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

CAPITULO III

Como se não ouvisse a pergunta de d. Eugenia, Guilhermina percorria com o olhar distrahido as paredes forradas de papel desmaiado, os quadros vulgares suspellidos por grossos cordões de sêda terminando em grandes borlas empoeiradas, os pesados reposteiros de casemira verdes e galões amarellos, tendo no centro o escudo imperial, ondulando lentamente, e as

velhas cortinas de sêda adamascada, indicando em manchas pallidas o colorido devorado pela exuberancia de luz, que entrava pelas janellas através das rendas amarelladas, e dava tons doirados aos moveis arrumados á maneira antiga, grandes sofás estufados, divans obesos, cadeiras forradas de damasco vermelho com palmas doiradas e altos espaldares, tendo no alto a corôa sustentada por griffos, consolos de mogno com enormes jarras de Sevres vazias, armarios de Boule ornados de bellos mosaicos em cercaduras de encrustações magnificas e bordos de bronze doirado --- tudo disposto em symetria, alastrando pelo tapete sovado, de grandes florões e ramagens desmaiadas.

--- Está mal impressionada --- inqueriu d. Eugenia --- com esta simplicidade, com esta pobreza?... Por isto faça uma idéa do resto. E' verdade que estes compartimentos são destinados aos visitantes, que entram aqui de sapatos enlameados, e até cospem no chão. Ha salões bem bonitos, sempre fechados, guardando moveis raros, quadros e tapeçarias de valor, como uns gobelins e outras preciosidades provenientes de davidas regias; mas não é bastante para o brilho da casa imperial. A joia deste palacio é a bibliotheca --- setenta e cinco mil volumes. Oh! A mania dos livros.

Não é possivel que o Imperador tenha tempo de passar a vista pelas centenas de volumes, de revistas e jornaes scientificos em todas as linguas, um verdadeiro carregamento de productos intellectuaes recebido, quasi diariamente, pelo correio. Para ler essa avalanche ha um empregado erudito, o professor Seybolds. E' um grande homem e um grande original o nosso querido monarcha. A sciencia o absorveu e quasi nada lhe deixou de humano. Imagine que nunca se falou delle, nenhuma aventura galante agitou jamais a atmosphaera placida desta casa, ou esguichou das relações intimas imperiaes para dar pasto á maledicencia. Não se lhe conhece um pedilho sentimental, desses que se perdôam a todo o mundo, principalmente aos principes, porque, afinal de contas, por se cingir uma corôa não se deixa de ter coração, e o amor é o soberano dos soberanos...

--- E' extraordinario --- balbuciou Guilhermina, restaurada da apathia da desillusão pela loquacidade de d. Eugenia --- Confesso que me surpreendeu esta simplicidade austera. Fiquei muito vexada com esta toilette...

--- Não tem de que, minha querida. Está, com effeito, primorosamente vestida, muito bem e muito á côrte, para realce dos seus encantos pessoais, desses olhos...

--- Ora, d. Eugenia.

--- Não se pôde contestar que a ba-

roneza de Uberaba seja a mais bella, a mais brilhante estrella da nobreza. A sua superioridade resalta, mas não pense que o Imperador tenha reparado na senhora..

--- Disseram-me, entretanto, que elle tem prodigiosa memoria..

--- E' exacto. E' capaz de reconhecer uma pessoa que tenha visto ha muitos annos e repetir-lhe, promptamente, o nome inteiro, a profissão e o logar de residencia; mas, não se impressiona com a fôrma; não tem o instincto da plastica, para se commover diante de uma mulher bonita. Foi educado por um frade, que lhe espremeu o coração; tirou-lhe a seiva toda, deixando-o esterilizado, mesmo para a fé. Seria natural que sahisse um devoto, não é? A religião nelle é apenas quanto baste para o imprescindível adorno de um príncipe catholico. Saiu da infancia para a politica, e ficou um septico. Isto que lhe digo fica entre nós: nem por sonho desejo que se saiba. Eu sou quasi pessoa da casa, devotada de coração aos augustos imperantes; mas, não posso escurer a verdade a uma boa amiga, como a senhora, em cujo criterio confio absolutamente.

— Conte com a minha discreção.

— Da educação fradesca provei-lhe aquella melancolia de orphão. Bem se vê que não teve carinhos e affectos paternaes a guial-o nos primeiros passos da vida. Mãos mercenarias e interessadas lhe formaram o character, num meio de agitação politica. Hei de lhe dar a ler uma memoria historica do Antonino sobre a tutoria dos Andradas e os mais intimos episodios da menoridade e da regencia, desmanchando uma porção de mentiras consagradas como verdades officiaes. O Imperador, no fundo, é bom, clemente e caridoso; mas, o seu espirito oscilla numa atmospheria de prevenções arraigadas e tolerancias descomedidas. A senhora nunca ouviu falar no lapis fatidico?... Quando elle embirra com um individuo (e nisso se parece muito com a Imperatriz) põe-lhe no nome um traço: o misero está condemnado; nunca mais terá accesso; nunca mais poderá pretender coisa alguma. E' como se morresse. Ha, entretanto, alguns sujeitos, cheios de mazellas, conhecidos exploradores da politica, que lhe caíram em graça e tudo obtêm. Não vê com bons olhos os homens notaveis adquirirem demasiado prestigio; tem um pronunciado fraco pelas mediocridades..

— E' um defeito dos poderosos. E' mais facil dominar com os mediocres que com os homens superiores.

— Tem razão. O Antonino sempre me observa que o nosso amado monarcha se compraz em subjugar os fortes pela corrupção, como fazia o pae. Compare o procedimento delle

com o Euzebio e com o Paraná: rebelde ás idéas do primeiro, que era um homem excepcional e que só foi ministro uma vez, e docil, como uma creança, aos caprichos do outro, que era uma vulgaridade astuciosa e violenta. Não ha um só dos nossos estadistas de real merecimento que não tenha delle um pingo de resentimento: saem todos dos conselhos da corôa mais ou menos desgostosos e arranhados nos seus melindres. Quer um exemplo? Aqui, para nós: não é por ser meu marido. De resto, ninguem contesta os serviços e a capacidade do Antonino, aliados a uma modestia patriótica; entretanto, está marcando passo sob o fardo de honrarias inúteis. Pois um homem, como o meu pobre marido, não era para estar feito senador, ou conselheiro de estado? Não tem elle servido bastante á familia imperial para merecer, pelo menos, um titulo de barão, quando se tem agraciado quanto pé rapado por ahi anua, até gente de cor?

A baroneza tornou-se rubra, e d. Eugenia estacou enfiada, reparando no moreno jambo e nos cabellos crespos da formosa interlocutora.

--- Eu cá --- continuou ella, recobrando o aprumo --- não sou de prejuizos e preconceitos. Ha de convir, porém, que é irritante ver um sujeito, que todos conhecemos, filho de uma quitadeira africana, marcada de ferro em braza na espadua, feito visconde, todo cheio de condecorações porque a negra velha lhe deixou, no fundo do bahú, uns cobres; ao passo que meu muito honrado marido, descendente, em linha recta, de Mathias de Albuquerque e da mais pura fidalguia florentina emigrada para o Brazil nos tempos heroicos da colonisação, não passa de conselheiro, veador de sua magestade a Imperatriz, commendador da Rosa e de Christo, amarrado, como um funcionario de ponto, ao cargo, e, por cima, obrigado a serviços particulares do Imperador, serviços litterarios que nada rendem senão canseiras, em parte por sua culpa porque não tem geito para se insinuar, para pedir, nem sabe andar pelos caminhos escusos e tortuosos que são os mais curtos para chegar ás altas posições. A dolorosa verdade é que vae ficando atraz com a sua fidelidade, a sua illustração e o seu patriotismo, preterido pelos aulicos, os exploradores de mediocridade chata. Isto que lhe digo é um desabafo de intimidade e confiança. Deus me livre que o saibam: seriamos riscados. Não me queixo; não desceremos, uma linha, da nossa superioridade; nunca desmentiremos o sangue altivo que nos corre nas veias. —

A confidencia foi interrompida pela chegada de uma senhora ainda moça, sanguinea, de olhos muito espertos e inquietos, falando alto com excessivo

desembaraço, e um tanto voluvel. O cavalheiro, que a acompanhava, era ainda moço, de maneiras distinctas, porte elegante, cabeça erecta, rosto sympathico, onde sobresaia um nariz aquilino, cavalgado por um pince-nez de vidros esfumados.

--- Que calor, conselheiro --- gemeu ella, abanando-se com um grande leque de pennas de avestruz --- um calor senegalesco. Parece que o simoun tosta as nossas epidermes faciaes....

--- Está, com effeito, muito quente --- confirmou o conselheiro, com enfado.

— Se podessemos tomar um refresco gélido?

— Qual! minha senhora. Isto aqui é árido como um sarah... Quando fui ministro, curti fome e séde durante as longas horas do despacho, que terminava, ás vezes, pela madrugada.

--- A paciencia é a virtude dos sabios. Esperemos que sua magestade a Imperatriz acabe de receber aquella caterva de plebeus. Oh! Eu tenho horror á plebe. E' um desdoiro da imperial vivenda o contacto dessa gente infima, maltrapilhos, mulheres de militares, que vêm mendigar.

— A Imperatriz é uma santa, boa mãe de familia, excellente dona de casa, mas muito menos caridosa que o Imperador.

— Não a censuro por isso. Os reis devem praticar a caridade, que é a mais ornamental das virtudes, em ponto grande para que todos vejam, em doações a instituições humanitarias e não em pequena escala, em esmolas individuaes que alimentam o vicio da mendicidade pernicioso. Procuremos um exemplo escandaloso. E' direito e compativel com a decencia de um palacio imperial o espectáculo que offerecem os quartos baixos do paço da cidade, transformados em albergue immundo de gente pobre?... Aquillo é um escandalo... —

E continuaram a conversar em voz baixa.

— Aquella—disse d. Eugenia, á puridade — é a baroneza de Cangaty. Falla por todas as junctas, e como um livro. E' de provocar tonturas quando discorre sobre politica, sciencia e artes, como uma preciosa ridicula em constante exhibição pedantesca. Aquelle que a acompanha é o conselheiro Cleto. Foi ministro muito joven e deu provas de muita actividade e talento. Oxidou o lustre um orgulho desmarcado. Era um dos mais notaveis redactores d' *A Reforma*, grande orgão liberal que appareceu como um campeão destemido, cujo programma era — Reforma ou Revolução, — pugnando pela eleição directa, secularisação dos cemiterios e outras utopias. Não se fizeram as reformas, nem elles fizeram a revolução. Esqueceram principios e idéas apenas se conchegaram ao poder pessoal que elles tanto verberavam. E é isto a po-

litica, minha querida, a lucta pelo poder...

— Eu não entendo muito disso — ariscou Guilhermina — penso, entretanto, que politicos não devem luctar por outra cousa.,.

— E os idéaes do partido, e as crenças, a fé?... Bem se vê que a baroneza não está ainda bem informada do que seja a nossa politica. Olhe, aquelle que alli está era um fogoso tribuno, um pamphletista terrivel. Disse cobras e lagartos do Imperador, do poder pessoal, da corrupção, da falta de moral; chegou mesmo, em um manifesto aos seus eleitores, a pregar a revolução como extremo remedio ás liberdades opprimidas. Hoje, é um aulico submisso igual aos outros. Anda se inculcando para a primeira organização ministerial. E' um homem superior, não ha duvida... Oh! ha de ir longe. Tem coragem e talento para todas es emergencias, precisamente como o Imperador gosta.

Guilhermina ouviu, tomada de pasmo, os commentarios de d. Eugenia; admirava seu perfeito conhecimento dos homens e do meio, naquellas eminentes regões.

Sentia-se diminuida, como creatura futil, indifferente á funcção suprema do mecanismo social, aos instrumentos de governo dos povos, toda entregue á satisfação de seus caprichos, dos seus requintes de gôso.

Tinha inveja a d. Eugenia, que se lhe figurava senhora superior e lhe recordava os immortaes especimens do sexo: rainhas, damas famosas brilhando a par de homens celebres, homens de genio — os grandes artistas da comedia humana, com rutilante sulco na historia.

Rica e formosa, dessa belleza infernal das mestiças, faltava-lhe ao espirito culto, iniciativa, audacia para emergir da vulgaridade, e penetrar o campo de actividade reservado ao homem, nessa esphera elevada, onde d. Eugenia se destacava com a agudeza de seus instinctos de observação e analyse, com a mesma intensidade com que examinaria os arabescos de uma reuda rara, a contextura de uma estôfa preciosa. A historia da humanidade é uma immensa têia, onde os factos e os homens, as calamidades, as crises e as victorias se vão debuxando em traço firme cu ineduciso, brilhante ou apagado, conforme o colorido das circumstancias e a collaboração das forças fataes, que impellem os povos para os seus destinos. D. Eugenia sabia, como testemunha viva, a historia de seu tempo.

--- Como a senhora --- avançou Guilhermina. com admiração reverente.. é versada na politica!..

--- Nascino meio della, minha cara amiga.

(Continúa)

THEATRO

Até que afinal houve desta vez, embora vacillativa ainda, uma certa independencia da nossa critica na apreciação de uma peça theatral. O caso é raro e por isso mesmo espanta.

Entre nós, criticar theatro, é empannar os olhos, convencer os ouvidos de terem ouvido o que sómente presta e sugigar a penna para cantar lôas. Mas, o facto se explica facilmente. O critico é sempre intimo dos artistas, intimo dos emprezarios, intimo dos autores. Uma phrase extranha á pragmatica provoca vibratibilidades, arrepia melindres, magôa amidades. Quem quer lá magoar um amigo! No outro dia, nos bastidores, a gente precisa dar explicações, mostrar que obrou justiceiramente e dahi uma discussão, da discussão uma descortezia, da descortezia um pesar. Ou bem que se é amigo ou bem que se não é!

O melhor meio é calar a bocca, o melhor é elogiar.

Não ha dessa maneira quem se zangue: o emprezario sorri-nos, o autor sorri-nos, o actor, a actriz, a actriz, meu Deus que lindo sorriso ella nos traz na bocca! A amizade continúa firme, teza, sem crespidão. O escriptor offerece-nos volumes louvaminheiramente, o emprezario passa-nos o braço por cima dos hombros, o actor, a actriz, recebem-nos nos camarins com aquella alegria franca da gratidão, com aquella intimidade estreita da camaradagem.

Mas, com a peça de Raul e do dr. Vicente Reis, a nossa critica teve assomos de imparcialidade e de justiça. Se me perguntarem porque, sou bem capaz de explicar.

Raul, como artista, é o primeiro a reconhecer o que são essas peças feitas para ganhar dinheiro; é, com certeza, o primeiro a não fazer cavallo de batalha de sua revista, a não considerá-la nas nuvens. Tanto se lhe faz que se diga bem, como que se diga mal. Bem ou mal, não se ligará, em absoluto, ao seu nome artistico.

Pois bem, a critica sabe, ou pelo menos imagina isso, e dahi a respiração algo folgada e algo ampla que ella pode ter.

No *Badalo*, ella reconheceu as coisas boas e (louvada seja!) reconheceu tambem as coisas más. Na peça de Raul ha disto e ha daquillo. E' com tudo a primeira revista das que este anno temos tido. Abre com um quadro parte infernal e parte santo, onde ha carêtas do Tentador e resplandores de Celestino, mas abre friamente, a ponto de se pensar que ella continúe num desenrolamento de cacêtadas. Tal não se dá. Já no segundo quadro, cria-se alma nova. Aparece-nos acom-

panhada das filhas, a d. Bibiana, uma velha impagavel, gorda como toda a velha, tagarela como toda a sogra em projecto. E' a figura que mais faz rir, a melhor figura da peça, embora não tenha o cunho da originalidade. Tem a mania de encontrar em todo o mundo um parente, um sobrinho do tio de um compadre da avó de seu marido, e, quando encontra, familiarisa-se depressa, de uma maneira extraordinariamente comica.

O primeiro parente que se lhe apresenta é o Guedes — um moço que anda procurando o *Badalo* — nome de um seu cãosito de estimação, que fugira. Este Guedes — personagem inverosimil, que chega a ficar pauperrimo para re-haver o *Badalo*, — trava relações com a d. Bibiana, ou melhor, a velha sacudindo os galhos da sua geneologia, descobre que o rapaz é fructa da mesma arvore, e, como elle prometta de bôa vontade escravizar-se a quem lhe encontrar o cachorrinho, ella e as filhas — meninas á procura de marido — partem juntas á procura do animal.

Mas, os autores não aproveitaram d. Bibiana como deviam.

Quando a velha nos assoma no primeiro acto, vem tão feliz, que imaginamos logo que ella vem fazer a delicia da peça.

Realmente faz, mas não faz como se deseja, e como se esperava que o fizesse. No segundo acto, já se lhe nota um certo esmorecimento e no terceiro, quasi que não tem vida.

Os autores deviam ter sustentado a nota, e, ainda menos se lhes perdôa a falta, quando se vê que o papel foi entregue á sra. Bibina Maia, que é sem duvida e sem engrossamento a primeira actriz no genero *canaille* que ha hoje entre nós.

No papel de Bibiana, então, encheunos as medidas. E' pena que se veja forçada em certas scenas, a assistir quasi calada, a ouvir quasi mudamente o que os outros dizem, quando seria de um bello effeito comico a sua tagarellice de velha.

Todo o primeiro acto é de uma *verve* extraordinaria.

Um quadro, que, embora se tenha dito por ahi, que é alguma coisa cacête, nos agradou bastante. E' o primeiro do segundo acto, onde o barbeiro é ao mesmo tempo sacristão, delegado, e, se não nos falha a memoria, até juiz em disponibilidade.

Melhor seria se o sr. Brândão, um actor delirantemente querido do publico, por ter, de certo, muito de *clown* e pouquissimo de actor, não fizesse tantas carêtas. Está aqui um que a critica e o publico estragaram. Conclamam-lhe o merito por ahi afóra e por ahi afóra, apontam-no como um comico soberbo. A cada gesto seu, rebentam palmas; em cada fim de acto é chamado á scena. E' benevolencia de mais. Falta ao

sr. Brandão a compostura artistica; a sua voz rouquenha, insubstituivel em algumas phrases, é, a maior parte das vezes, desgraciosa e desagradavel; a gesticulação é estabanada, affectadissima, impropria. Convencido de que a carêta é o mais forte elemento para fazer rir, fal-a em tudo, em cada phrase, a cada instante. Certo já da sua fama, faz, ás vezes, no palco, o que seria muito engraçado num circo de cavallinhos. Quando não conhece bem o papel, em vez de disfarçar, planta-se affrontadamente aos pés do ponto e não lhe desprêga os olhos. Quando da sua véstia o chapéo faz parte, enterra-o desmedidamente na cabeça, até junto das orelhas, como se isso lhe desse graça. Emfim, a gente deve em lugar de criticar o sr. Brandão, criticar o publico, que ainda o tolêra, sem apedrejal-o.

Não morremos de amores pelo quadro *Trastes novos e usados*. E' simplesmente um reclame de moveis, como o *Vagas e Vagalhões* o é de clubs de regatas.

A não ser isso, a revista pode ser ouvida com agrado, e com gargalhadas. Ha papeis bem feitos. O homem das muletas, por exemplo, feito pelo sr. Machado, é interessante.

O vestuario é que é rico. Rico, caprichoso e bonito. A respeito de scenario, o sr. Marroig deu-nos a esplendida apotheóse da *Paz* e da *Guerra*. O sr. Chrispim, sempre o sr. Chrispim, admiravel em todos os seus quatro quadros. A apotheóse á *Rainha Victoria*, feita pelos srs. Thimoteo Costa e Affonso Silva, está bem bôa. Não achamos graça no tal scenario *art nouveau*.

JUSTUS JUNIUS

CORPO DE ESTATUA

(ANTE UMA MULHER NÚA)

Este corpo é um thesouro em dias de pobreza!
Desperta a inspiração; ergue-a á altura imprevista,
Põe-lhe ás mãos o buril que a perfeição conquistou,
Para a pedra rasgar com serena firmeza.
Resumindo o esplendor da excelsa Natureza
No marmoreo vigor dos seus traços — á vista
Ofusca, accorda e faz vibrar nalma do artista
A saude que a Fôrma hoje tem da Belleza.
A radiosa nudez dos seus membros robustos
Enche de raiva ultriz e colericos sustos,
No altar onde pompeia — a divindade fatua.
A belleza moderna ao seu brilho desfaz-se,
E da Grecia pagã toda a pompa renasce
Na gloria esculptural deste corpo de estatua.

LEAL DE SOUZA

(*Bosque Sagrado*)

A LIVRARIA

ESAU' E JACOB — MACHADO DE ASSIS —
H. GARNIER — EDITOR

Em primeiro lugar, desculpa... meus senhores. A desculpa, a pecinha amavel e gasta no uso, ou no realejo dos officiaes deste officio.

Mas, aqui, a meu serviço, é sincêra, explica-se, e mais eu a desejo, com fervor e com fé, á maneira de quem, devendo alta honrenagem, apenas faz uma deferencia. Já sabem vocês que de não escrever vastamente do mestre prosador Machado, a desculpa, sobre outras, é o — espaço — angustiado nesta columna curta, esguia, em sérios apêtos, uma columna simples que se não quer estender para além das suas curtas intenções de noticiar só: que appareceu um livro, uma brochura, original ou roubada, que tem auctor, ou auctores, cada qual o melhor, cada qual o peor. Digo que *Esau e Jacob* é de Machado de Assis. Digo uma doidejante novidade e, sobretudo, um dos mais maravilhosos trechos do logar commum, em materia de... critica.

Porém, ás vezes, como agora, esse cliché é uma salvação, uma providencia que resume, num idéal de criterio, o que eu, com ancia, com pressa, com todo o meu amor á obra de Machado, viria a pensar, neste lúcido momento do *Esau e Jacob*. O trabalhador do *Quincas Borba* resplandece no romance dos gêmeos, como no *Braz Cubas*. Sobre isso, não é veneravelmente velho notar que o puro Artista não envelheceu. A primavêra alenta naquelle espirito, todo um cyclo de activo esplendor. Cada livro seu, mesmo uma pagina, um periodo, é uma resurreição de mocidade.

E me bastaria como melhor phrase, querendo dar a melhor idéa. O essencial encantador num trabalho d'elle, o que mais irresistivelmente desafia a todas as seducções do grande bello, não é o entrecho, não é a intriga. Aliás, ella excelle a de todos os romancistas da nossa lingua.

Nenhum, aqui e além, lançaria a factura *material* de um livro de Machado, contando tão bem a *historia* através de um processo tão difficil, tão trabalhoso e, ao mesmo tempo, tão apprehensivo d'acção. Por vezes, no andar da narrativa, parte-se a linha, quebra-se a urdidura, as coisas, que não de apparecer, alternam-se, trocam-se, transpõem-se, e os capitulos se revêsam, não ligam a mesma idéa de sorte que, como no *Esau*, a um capitulo que o vulgar impessoal daria o n. 1, elle dá o n. 8, ou o n. 13, ou traça *a visita do palacio*, embora seja uma divagação, uma inutilidade para o enrêdo, mas uma necessidade primaz para a sua maneira de construir.

E logo emmaranha num claro, num aberto embaraçado de episodios, que se distanciam, que se alongam, que se esvahem, esvahindo a curiosidade devorante do leitor, que se subdividem em muitos outros, vários e estranhos, com o poderdo mesmo interesse, da mesma arte, que o seu genio, sempre alli, transmite e revigora. Um romance de Machado não tem vertigens tempestuosas, não é dramatico, é uma semelhança de mosaico, é um romance de episodios que, parece, se chocam, se repellem, se alheiam. (*A esmola da felicidade, A epigraphe, A missa do coupé, Ha contradicções explicaveis*, etc.) Mas, afinal, o facto é que se entendem, se communicam e se apuram e se enlaçam, e, ao cabo, nós verificamos, maravilhosamente, uma perfeição de unidade e de trama. Depois, esses episodios que assim rebentam e se cólam, assim dão, deliciosamente, a expressão magnífica da sua graça amoravel. «Perpetua compartia as alegrias da irmã, as pedras tambem, o muro do lado do mar, as camisas penduradas ás janellas, as cascas de banana no chão. Os mesmos sapatos de um irmão das almas, que ia a dobrar a esquina da rua da Misericórdia para a de S. José, pareciam rir de alegria, quando realmente gemiam de cansasso. Natividade estava tão fóra de si que, ao ouvir-lhe pedir: Para a missa das almas!» tirou da bolsa uma nota de dous mil réis, nova em folha, e deitou-a á bacia. A irmã chamou-lhe a attenção para o engano, mas não era engano, era para as almas do purgatorio. (*Cap. II*).

«Era a missa do *coupé*. As outras missas vieram vindo, todas a pé, algumas de sapato roto, não raras descalças, capinhas velhas, morins estragados, missas de chita, ao domingo, missas de tamancos.» (*Cap. II*).

Não exálam *emoção*, nesse esbraseado sentido meridional, que solicita o estrepito, o ardor, o mesmo fogo dos deslumbramentos. Nem arrebatam, nem estremecem, nem atijam convulsões de nervos. Fazem resurgencias de alegria, borbulham delicadezas, fascinam calmamente pelo exquesito das suas situações, pelo recorte plastico da sua suavidade, pelo geito leve da sua ironia. No episodio, Machado espraia as subtilezas, o seu dom superior, super fino, de recato, de timidez, de pudor; a discreção, a medida o contém; e surge, vacillante e alegre, o divertido da sua duvida, o mais pittoresco dos seus aspectos litterarios.

Eu me sinto á vontade, sorrio simplesmente; ninguem se irritará deante della, a bolir conosco; antes, oscillar-lá, desconfiará, tambem, sentindo-a, penetrando-a, com a mesma volupia, numas brandas claridades de goso. «Era um mysterio, talvez um caso unico... Unico! Um caso! A singular-

ridade do caso fel-o agarrar-se mais á ideia ou a ideia a elle; não posso explicar melhor este phenomeno intimo, passado lá onde não entra olho de homem, nem bastam reflexões ou conjecturas.» (Cap. XI).

Dessa timidez, dessa duvida — e dahí os excessos de sensibilidade, os seus trocadilhos, os jogos de palavras, as incertezas, os contrastes, as apparencias de respeito ao publico, os disfarces, as renuncias de opinião, os «possiveis» — desse pudor, que organisa o mais original, o mais homogeneo, ou, antes, o unico temperamento litterario do Brazil, irradiá, lindamente, o seu *humorismo*, que, nelle tendo o melhor artista, nem é amargo, nem desesperado, nem furioso; mas, tão finamente sceptico, é tolerante, contemplativo, bemfazejo.

E' pois, exacto, logico, inteiriço, o processo do creador do *Dom Casmurro*, um processo que effectúa a perfeição do *humorismo*, o que é bastante para julgar a um *humorista*, tanto quanto, como ninguem, elle o é soberbamente. Ha gente, qualquer bocado de gente illustre que não toléra o methodo do sr. Machado de Assis. Um homem que escreve bem já me disse, com impunidade, que essa coisa do sr. Machado metter os pés pelas mãos, essa licença dos episodios, dos capitulos em branco, das reticencias, é um desprezo ao publico. Esse homem que escreve bem só farejava nos romances do sr. Machado, o drama, a vil banalidade do entrêcho. E não entendia, por isso, que notando no sr. Machado, desprezo ao publico, signalava, precisamente, um dos fortes caracteristicos do seu typo de *humorista*. E porque tem juizo e geito, o esperto homem só devia considerar o escriptor como elle é, de facto, — dentro do seu temperamento.

Mas, eu ia mettendo pela discussão, ou, talvez, tentativa de estudo do romancista. Estaria fóra de logar e do dever actual. . que é fechar a noticia com a delicia de falar no estylo do sr. Machado. O *Esau*, deitado á luz sem barulho, com calma e com paz, rebriha o amado estylo, a sobriedade, sem igual, a doçura, os furta-côres da graça, a iris scintillante.

Esse feitio da sua litteratura é ainda sem par, não tem gemo, (vê-se bem que dou noticia do *Esau e Jacob*) não tem outro na lingua que elle lapida e amansa. A sua *fôrma* compléta a idéa pegando-lhe os matizes; e, portanto, o estylo de Machado ha de ser subtil. Não tendo violencias de brilho, nem lances a deslumbrarem, é na ironia que lhe está a *maneira*. Não é descriptivo; menos, opulento; menos, fragoroso. Os exteriores d'um quadro, d'uma paisagem não o preoccupam; naturalmente despontam. De tantos, um exemplo precioso: «Não é que sentissem alguma coisa opposta, á vista da

praia e do céu, que estavam deliciosos. Lua cheia, agua quieta, vozes confusas e esparsas, algum tilbury a passo ou a trote, segundo ia vasio ou com gente. Tal ou qual brisa.» (Cap. XXXVI).

Mas, onde eu vejo em Machado a maior virtude de arte, é em dizer o pensamento. Não é cathegórico, e parece desejar que a sua phrase nunca enfeixe uma sentença. A ironia nelle, como no Eça ou no Fialho, traz o pensamento, e atalha o exaggero. A sua arte deixa que o leitor tambem trabalhe na leitura, e fal-o pensar. O *Esau* transborda de phrases. Daria um lindo livro de pensamentos leves, encantadores, sem presumpção, sem pó, sem solemnidade. (Bôa lembrança a Mello Moraes, bôa inspiração a Laudelino Freire). Mais que nunca, a respeito desse mestre, a gente sente profundamente a perfeição da idéa visionando o toque extremo, o acabado, a perfeição do estylo. Pela subtilidade dos seus recursos, das suas cambiantes, pelo imprevisito do seu movimento, pela finura e pela plastica, pela tinta e pela propriedade, o estylo, no *Esau*, arranca deste idioma o que elle, em verdade, ainda pôde recolher de attico, de fino, de suave e de espiritual. De resto, considerem a seriedade, a inteireza e a cohesão da sua obra; obra que, por ser pensada e sentida, faz de Machado a unica, a indiscutivel gloria liquida das lettras brasileiras. Quando elle nos dê o seu ultimo livro, será, emfim, o primeiro, por tudo isso.

Os ultimos serão os primeiros.

**

NOVOS POEMAS — ANNIBAL AMORIM —
LAEMMERT & C. — EDITORES.

A má signa desabou sobre a casa Laemmert. Novo jorro de esgôto, novos versos do grande poeta Annibal Amorim. Minhas homenagens a este *escaphandro*, por onde, neste dia 3 de novembro, eu desço ao fundo do mar, no desejo de ver Gonçalves Dias. O extraordinario poeta Amorim, a quem estou muito sensível pela dedicatória com que me trouxe o seu glorioso folheto de versos maravilhosos, junte á carta de Alberto de Oliveira, as alegrias, o prazer, a gloria que eu tenho em ser brasileiro, em ser compatriota de Annibal Amorim, depois que comecei a vel-o, daqui, trepidando e deslumbrando, cercado na auréola que as mãos celestes da poesia propulsionaram.

Acho muito bom o poeta Eugenio Amorim; é espontaneo, originalissimo, carréga, nas suas estróphes, todo um mundo de idéas, novissimas sobretudo; ama a natureza e não a desna-

túra. As suas rimas são riquissimas. Já não escreve mais

.correcto

como num

... romance idéal de Coelho Netto.

Ah! contemplativo! agarra na carta de Alberto de Oliveira, agarra nos teus versos, despreza a canalha, os *zoilos*, e segue, ó Homero, o teu resplandecente caminho de martyrio pela *fôrma*, e de sagração pela mesma.

Annibal Amorim acaba de lançar a revolução na Poesia. Ha nelle, como poeta consagrado, coisas tão estranhas, tão liquidamente astraes que eu, no meio de ferozes impressões, resolvi iniciar, por estes dias mais chegadinhos, o mais sersacional *inquerito* — o inquerito da Poesia, sua immortalidade, sua renovação, etc. etc. O primeiro a ser ouvido será o eminente artista dos *Novos Poemas*.

WALFRIDO

O THEATRO MUNICIPAL

Esta questão magna do theatro municipal não deixa de ser, sobre complexa, complicada. E' necessario um theatro a mais aqui, no Rio? Caso seja, compete á municipalidade construí-lo e sustental-o? E, uma vez construido, será destinado á opera, e nesse caso o Lyrico não basta? ou tambem apto á comedia e ao drama, e então porque deixar de lado o velho S. Pedro, vestustamente tradicional? E, para a construcção do novo theatro, qual a planta a utilizar-se? A do francez Guilbert, magnifica, mas ultra-dispendiosa, ou a da Prefeitura, economica, mas charra? Podia-se fazer uma combinação eclectica das duas?

E' dahi, um labyrintho de problemas, se a Prefeitura podia concorrer, se o plano do sr. Oliveira Passos é d'elle ou de outro, se o jury foi ou não imparcial, se a bifurcação do primeiro premio é justificavel, e emmaranham-se debates, em que se deblatéra sobre architectura, sobre arte dramatica, sobre, já se vê, a vida alheia, emquanto, de bruços na ruina solitaria do seu antigo sonho, o sr. Arthur Azevedo explica ao publico e ao Prefeito a historia pessimista das suas desillusões theatraes.

Eu ponho de parte, nesta materia, todas as inuteis e impertinentes questiunculas, e, já que a construcção do theatro prefetural é cousa decidida, só enxergo, a discutir, no prismatico assumpto, duas arestas essenciaes e actuaes:

— a arte dramatica e o novo theatro;

— o novo theatro e as plantas approvadas.

Como se sabe, e eu já, em mais de um artigo, demonstrei, não ha, no

Brazil, theatro; a arte dramatica está, entre nós, prematuramente morta, dado que se admitta que ella tenha, com João Caetano, algum tempo existido. E não ha theatro pelo seguinte patefacto axioma: auctores, não os temos nem os tivemos nunca, e actores, a não ser o esporadico João Caetano, nunca os possuímos. João Caetano mesmo, senhores, que especie de actor podia ter sido? Era um latagão corpulento com uma guéla de estentor a sacudir, num palco de quatro metros, uns braços de briaréo e umas melenas de trovador, diante de uma platéa que lhe admirava, na *Gargalhada*, a robustez da larynge válida, como aliás hoje applaude em arroubos o dó de peito de um tenor taludo e os garganteios de quarto d' hora de um soprano... ligeiro. O sr. Arthur Azevedo é, ao que parece, contra a construcção do theatro da Avenida. Na sua opinião, acabou-se o futuro da comedia e do drama com o novo theatro, que é, pelas suas largas proporções, exclusivo para a opera, e os poucos artistas que ainda temos «irão representar no outro mundo», os que se illusionam ainda com brilhaturas na ribalta caducarão senectos, e as producções theatraes á espera da consagração de Melpomene e Thalia, no fundo inglorio das gavetas, eternamente dormirão. O theatro nacional será, então, mais do que nunca, uma utopia, e os estrangeiros é que virão fruir aquillo que o «espírito dos legisladores» tinha creado para propulsionar a arte indigena, animar os nossos artistas e encorajar os nossos theatrographos. O sr. Arthur Azevedo acha que auctores dramaticos não nos faltam e que, quanto a actores, ainda ha por ahí uns «quatro ou cinco» aptos para inaugurar, se fosse possivel, o nosso encantado theatro. O que é certo é que ninguem conhece os nossos auctores dramaticos senão por umas exhibições ridiculas e mediocres e toda a nossa litteratura theatral é, francamente, de uma inquietadora inopia. O sr. Arthur Azevedo sabe úisso, e creio que não será a *Vespera de Reis*, a *Viagem ao Parnaso*, o *Retrato a oleo* ou a *Fonte Castalia* que hão de reformar e reorganisar o palco brasileiro. E: procuro, com uma exorbitante boa-vontade, entre os nossos escriptores, um theatralista que haja creado uma obra de valor, e não encontro senão a *pochade* sedica, a comedia de costumes banal, a revista de anno immunda e pasquinenta, a magica enfadonha e futil, e toda uma série de traducções e accommodações de *vaudevilles* bandalhos e operetas torpes. Isto quanto ao presente, porque, olhando atraz, ha o intoleravel e inepto Martins Penna, com as suas comediarras pulhas, o pesado Macedo com o seu *Phantasma branco*, o seu *Primo da California*, a sua *Torre em concurso*,

o incolor José de Alencar com o *Demónio familiar* e outras que taes comediasitas e dramas de se representar em familia, não fallando nos França Junior, nos Norbertos de Souza, nos Gonçalves de Magalhães... O sr. Arthur Azevedo, por causa da sua assiduidade em litteratura theatral, adquiriu fóros de mestre, collocou-se á frente do movimento regenerador da nobre arte, constituiu-se pontifice e conductor da collectividade que se agita nos bastidores — e, no emtanto, o sr. Arthur Azevedo não tem uma unica peça que fique. Não tem nenhuma que não seja a pachuchada á França Junior e a revista annual degradante, pondo-se-lhe de parte o respeitavel mistér de traductor das *Pilulas de Hercules* e identicas industrias. E onde está o outro escriptor de talento que soerga o theatro? Apareceu o sr. Oliveira Lima com uma indecisa e fluctuante amostra, o *Secretario d' El-Rey*, e o sr. Affonso Arinos com um inédito episodio colonial, o *Contractador de Diamantes*, que o auctor leu apenas a um nucleo restricto de amigos e jornalistas, e que os jornalistas e amigos elogiaram. Como se vê, não ha muito onde respigar. Um apenas resta que me daria esperanza: é Coelho Netto. Artista cujo valor ninguem contesta, o creador de tantas obras primas poderá ser o levantador, no Brazil, do theatro, se se não deixar arrastar pela alliciente ganancia dos emprezarios que, para explorar o publico, exploram primeiro os auctores, fazendo-os fabricar umas saladas pifias. A *Loteria do Amor* foi uma fraqueza que se não perdôa a quem fez o *Pelo amor*, egualando Maeterlinck, e a quem escreveu essa deliciosa *Pastoral*, que eu, entusiasmado, applaudi em Campinas. Netto pôde ser, se quizer, o fundador da nossa litteratura theatral: será o primeiro, porque os outros que houve e que ha não fizeram, esta é que é a verdade, absolutamente nada. Porque toda essa gente fez do theatro uma idéa notavelmente erronea: admittiram, banindo o espirito, a chalaça, e em lugar da alma humana, que vive e palpita, collocaram no palco uns titeres a bravejar aos berros, ou copiaram scenas mórnas da sociedade ou reproduziram trechos inertes da historia universal. Nem os antigos como Eschylo e Sophocles, nem os menos remotos como Shakspeare e Goethe, nem os hodiernos como D'Annunzio e Maeterlinck, puderam ensinar os nossos dramatistas a serem humanos e reaes ao mesmo tempo que grandes e mages-tosos. Rostand, no seu discurso da Academia, exprime bem o meu pensamento: «Et voilà pourquoi il faut un théâtre où, exaltant avec du lyrisme, moralisant avec de la beauté, consolant avec de la grâce, les poètes sans le faire exprès, donnent des leçons d'âme! Voilà pourquoi il faut un théâ-

tre poétique, et même heroïque!» Pôde-se affirmar, sem receio de um desmentido serio, que não temos tido, pois, auctores dramaticos até agora, e se desse lado ainda pôde haver alguma esperanza, não vejo, positivamente, relanceando em torno os olhos, senão, entre os escriptores, Coelho Netto, quem seja capaz de algo promover em materia theatral. O resto é illusão e pretenção, amor-proprio tolo e autolatria cega. Isto, quanto aos auctores. E os actores? O sr. Arthur Azevedo acha que ainda temos «quatro ou cinco» actores (*). Onde estão elles? Por mais que prescrite e inquiri, não os vejo. O sr. Henrique Marinho, no seu livro *O Theatro brasileiro*, cita trinta e um, á pagina 90, e desses trinta e um, seriamente, eu não lobrigo quatro ou cinco que se tenham de pé, com a melhor boa-vontade do mundo. A indigencia de artistas é total; neste ponto a nossa terra fez ha muito tempo fallencia, e, nesta bancarrota notoria, seria homericamente hilariante o appello, para a reivindicacão do theatro, a «quatro ou cinco» absurdos carnifices da arte dramatica. Nestas circumstancias, é digna de um supremo louvor a iniciativa theatral do Prefeito. O sr. Francisco Passos cortou a questão radicalmente. Haverá um grande theatro, no Rio de Janeiro, eis tudo, e, como nós em casa não temos peças, nem actores para as representar, esse grande theatro não poderá certamente ser o valhacouto do rebutalho dos tablados cariocas. A idéa do Prefeito foi uma idéa salvadora. Desse modo, baqueiam, de uma vez, os castellos da mediocridade que não examina a consciencia, e as barracans de argilla da philaucia cabotina rúem, ficando o novo theatro embora para a opera lyrica, para as companhias estrangeiras, mas livre da variegada babel de incultos fantoches que as ilhas nos exportaram para os diversos mistéres da industria, do commercio e da lavoura, mas que a critica dos jornaes transformou, de uma hora para outra, em artistas brasileiros. O sr. Francisco Passos fez uma obra de expurgativa benemerencia expungindo antecipadamente do novo templo os mercanciaeiros malbaratadores, irreverencias da Arte.

E, a sobrancear a Avenida, a cúpula do theatro municipal em breve refulgirá, triumphante.

As plantas não faltaram. A Prefeitura abriu um concurso de planos, num edital-programma, em que, não sem alguma pretensão, estipulou uns detalhes de condições *sine qua non* que outra vantagem não podiam ter senão a de atrapalhar, sem esclarecer, os concurrentes. A clausula, por exemplo, de que o theatro não fosse igual a nenhum outro conhecido era, pela

(*) Paiz, de 17 de Outubro de 1904.

implicita intenção de prevenir os possíveis plagios, pueril, e a exigência de uma luxuosa demonstração de estabilidade, num projecto de concurso, que não é um projecto de execução, avulta como um capricho de bedel ou mestrescola. Pretender que um architecto demonstre a segurança dos edificios que plancia, equivale a, por exemplo, num concurso de litteratura, exigir um exame de grammatica. O programma-edital, aliás, se por um lado coactava a liberdade aos artistas concurrentes esmerilhando minucias, por outro lado, ao contrario, os impossibilitava, pela deficiencia informativa, de trabalhar a gosto. Assim é que, fixada a construcção em 1.500 contos, os estrangeiros que concorressem, como poderiam, ignorando a natureza do terreno, os preços da mão de obra e dos materiaes, adstringir-se á meta orçamentaria? Foi por isso talvez que o sr. Guilbert, auctor de um dos planos, idealizou uma sumptuosa e luxuriante fabrica, inscio das nossas carestias, e magnificamente machinejou, ignáro do nosso sub-solo aquoso, num largo subterraneo, toda a barafunda magica dos scenarios. A limitação do preço continha, ao demais, uma exclusão enigmatica: o custo do theatro seria de 1.500 contos, sem a decoração interior. O que é que a Prefeitura terá querido significar por decoração interior? Eis um architecto que apresenta umas columnas com a base decorada, o fuste decorado e o capitel decorado: que arduo e gigantesco esforço algebrico precisará esse homem fazer para calcular o preço das suas columnas despidas e nús, sem os ornamentos que aliás as integralisam? Esse logogrypho da materia ornamentária occasionou, entretanto, a irremediavel penuria esthetica do projecto *Aquila*, cujo auctor, querendo de certo obedecer á clausula que procrastina o arrebique interno, executou uma sarcophagica almanjarra, impropria para reanimar a Arte e indigna mesmo de, se o caso fosse, tumular pharaós. De resto, o estatuto Prefeitural não offerece de positivo senão tres itens: a planta do terreno, que o sr. Guilbert, sem desvantagem, ultrapassou, o numero maximo de espectadores, que tanto importa na verdade ser mil como 1.400, e o limite das despesas, com essa phantastica abstracção das decorações do interior.

As plantas, em todo caso, como se ia dizendo, não faltaram. Nada menos que sete, que o publico viu, apreciou e commentou, e nesse publico havia artistas, dilettantes, profissionaes. A opinião geral estigmatizava o jury que geminou os projectos *Aquila* e *Guilbert*, dividindo entre os dois o primeiro premio. Mas, francamente, dessas sete plantas, a bem justicar um veridicto, apenas duas se apuram

de real valor, e são a de Guilbert, pelo seu imponente aspecto e pelas suas mil vantagens, e a que veio de S. Paulo com a auctoria de *Néó*, pela sua originalidade e pela sua factura. As cinco plantas restantes, inclusive a da Prefeitura, não possuíam, certo, a necessaria copia de requisitos approbatorios, e, entre esses requisitos, o primeiro é, sem duvida, a belleza architectonica do todo. O theatro de Guilbert é, toda a gente viu, um trabalho de artista qua pensou a sua obra e fel-a magnificante e estupenda, e os poucos inconvenientes que apresenta, facilmente num projecto de construcção se modificariam. O estheta que tiver examinado a planta do francez, não hesitará. Que importam insignificantes detalhes, que a *côterie* explora e que o nativismo exagéra, se o principal se afirma numa expansão energica de belleza? Porque é que eu hei de censurar a Guilbert a usurpação de oito metros a mais na área marcada, a fabricação de um interior incompativel com a nossa canicula ou a parcimonia de demonstrações collegiaes de esthetica? *De minimis non curat pretor*. E estas minusculas ridicularias dissolvem-se diante da opulencia do todo e das partes. O aspecto exterior é monumental e o interior grandioso, e eu não quero fallar no que diz respeito ao que se chama commodidade e segurança de publico: serviço de carros, por fóra, serviço de incendio, por dentro, arejamento e ventilação rasoaveis, e o mais que se requer e se deseja num theatro que não é um café concerto escancarado a todas as brisas da terra e do mar. O projecto *Néó* estheticamente tambem seduz. E' um theatro que esfusia no ar, numa ioucura mourisca, em que ha, pelas cimalthas e pelos tectos, farandulas de huris, um palacio de fadas que se elança bysantinamente, leve, claro, rútilo, phantastico! Esse, realmente, quiz que o seu theatro, de accordo com o edital, não se assemelhasse a nenhum outro, e conseguiu, com exito, aquarellar um castello feérico que é uma suggestão violenta das *Mil e Uma noites*. Obteve o terceiro premio e merecia indubitavelmente o segundo.

Mas, quem não podia ser nivelado com Guilbert, na irmanação do primeiro premio, era o sr. Oliveira Passos, auctor do projecto *Aquila*. Este projecto, idéado pelo consultor tecnico da Prefeitura, foi executado com o auxilio da repartição tambem tecnica da mesma Prefeitura. A' inspecção inicial, o que primeiro nos alarma naquelles planos é a hesitação do traço e a *gaucherie* das côres. Vê-se logo que não se está tratando com artistas, mas com simples curiosos de desenho linear a fazer tentativas de coloridos; as figuras decorativas, os gryphos lateraes, a aguia da cúpula, vacillam,

sem contorno e sem realce, e as fachadas desoriginaes, enfeitadas nesse vulgar estylo das construcções gringas, ostentam, na faina do arejamento, um incrível desperdicio de janellas, e prodigalisam, na previsão de emergencias igneas, uma fecundidade providencial de portas. Ah! senhores, mas os telhados! Ha-os para todos os gostos, lembrando tectos de *ateliers* photographicos e affectando telheiros de cervejaria, não fallando na abobada central á guisa de pôpa de navio emborcada a tampar a sala, e nas cúpulas dos torreões da frente que umas cornijas a imitar kiosques ou lanternas venezianas encimam. E, a envolver e a sophismar a telhadaria, platibandas que orçam por tres metros e tanto de altura, verdadeiros muros de quintal, que o enfeite das indefectíveis urnas do costume, de espaço a espaço, aprinóra. E, no caso de particularisar defeitos, santo Deus, seria um nunca acabar, desde o movimento dos vehiculos, a que se não attendeu, desde o serviço de incendio, que é feito na platéa e não, como conviria ser, na caixa, desde os gabinetes de *toilette*, que não existem, desde o restaurante de 25 metros quadrados de superficie e o *bar* acanhado e sem dependencias, desde o guarda-mantos de 14 metros quadrados (lembrem-se que a lotação é de 1.400 pessoas), desde, emfim, a caixa toda furada, a prejudicar a acustica, com cento e sete portas e janellas, até, que sei eu, a grande chaminé chamadora de incendios que se abriu no centro da sala e que para o arejamento era nutil, a platéa com logares apenas para 600 espectadores, o *atelier* de scenographia com a illuminação, que devia cahir de cima, lateral, a escadaria da frente descoberta, emfim, a falta do sentimento das proporções, da visão exacta do conjuncto, a ausencia de unidade na concepção, o ajuntamento hybrid e teratologico dos accessorios vários, formando, afinal, em vez de um todo harmonico, indivisivel, equilibrado e perfeito, um amalgama de irrationalidades architectonicas, um acervo desconnexo, incoherente e illogico de compartimentos participando de uma collaboração informe, em que pedaços de palacios se aggregam a perspectivas de armazens, e aspectos de *chalets* se confundem com proeminencias de solár.

A não ser a preocupação dos vigamentos e travejamentos, aliás ociosa, tudo o mais denota a inexperiencia e o inesthesismo — e isto prova unicamente que, se as outras artes entre nós agonisam, a Architectura, essa grande arte estacionária, expira. Como eu disse no começo, o Prefeito, decidindo fazer um theatro á custa do municipio, cortou, talvez sem querer, o nó gordio da questão theatral que o sr. Arthur Azevedo patrocinava. Livres

do theatro nacional e da praga ilhõa das vocações theatraes, que nos não envergonhe o dispaüterio architectural de uma caranguejola obstruente e nulla. Dentre os que applaudem o sr. Percira Passos, eu sou dos mais entusiastas. A sua competencia tem já transformado em pouco tempo esta cidade; mas não se pôde ser tudo a um tempo, e s. excia., que possue a argucia e a energia de um administrador completo, carece inteiramente de senso esthetic. A essa mingua de esthesia, que requer as admonições de um mentor, devem-se, por exemplo, essas solemnes comptas funerarias dos tristemente bronzeados balaustres do caes da Lapa e os dois retroactivos botequins que, no jardim do Rocio, escoltam a estatua do primeiro Imperador.

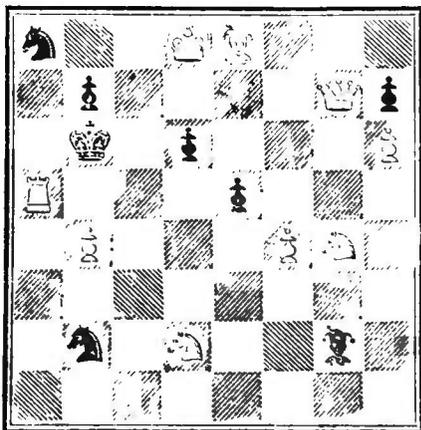
Que irá fazer o sr. Francisco Percira Passos quando se tratar de construir o theatro? Adoptará o projecto *Aquila*, desprezando o outro, ou, dos dois, fará um terceiro, que será o definitivo?

Não, s. excia. consulte, como já lhe foi alvitado, um jury mais imparcial do que o primeiro: exponha outra vez os projectos e que á disposição dos visitantes haja um grande livro onde cada um registre a sua impressão. Desse comicio, a que os competentes não faltarão, sahirá um desempate justo e insuspeito e ao menos o publico que paga terá, neste regimen democratico, intervindo pela primeira vez nalguma cousa. E já é um consolo.

PADRE J. SEVERIANO DE REZENDE.

DIVERSÕES

Problema N. 4



As brancas jogam e dão mate em dois movimentos.

THEORIA DOS ERROS

(PRIMEIRAS NOÇÕES)

Probabilidade de um acontecimento é a relação entre o numero de casos favoráveis á produção do acontecimento e o numero total dos casos possíveis. Para que a definição seja valiosa, é necessario, porém, que todos os casos sejam igualmente possíveis, isto é, tenham a mesma probabilidade. Ha, portanto, um circulo vicioso.

Na impossibilidade de alterar a definição, sem que se caia numa petição de principio, formula-se a hypothese de serem os casos igualmente prováveis em cada applicação particular. E uma vez estabelecida a hypothese, o calculo procede por meio de regras fixas e por deducções de caracter tão preciso como quaesquer outras de geometria ou de analyse. Ao calculo em si não compete o exame da questão metaphysica — verificar si o assumpto se encerra nas leis do acaso e si os phenomenos possíveis são ou não igualmente prováveis.

O calculo das probabilidades repousa fundamentalmente sobre a nossa ignorancia.

Não existiria probabilidade, mas simplesmente certeza, se fossem-nos conhecidas as leis de todos os phenomenos. Ao jogar um dado as regras da dynamic são respeitadas, mas a complexidade e a variabilidade das forças actuaes nos inhibe de prever a posição final do objecto.

A probabilidade de sahir um numero qualquer az, dois, terno, etc. é $\frac{1}{6}$: um só caso é favoravel, seis são possíveis.

O calculo das probabilidades se funda em dois principios: o principio das probabilidades totaes e o principio da probabilidade composta.

Consideremos dois acontecimentos A e B. As seguintes hypotheses são as unicas possíveis:

A e B occorrem simultaneamente, hypothese que se designará por AB,

A ocorre e B não, hypothese que se formulará por AB,

B ocorre e A não, hypothese que se denominará AB,

A e B não occorrem, hypothese que se chamará AB.

Supponhamos que as occurrencias se dão do modo seguinte:

AB ocorre a vezes,

AB " b "

AB " c "

AB " d "

E' claro que se A e B não podem coexistir, a é zero. O numero total dos casos possíveis é evidentemente $a + b + c + d$.

A probabilidade de que A appareça, será

$$p = \frac{a + b}{a + b + c + d}$$

porque A pode vir em AB e AB.

A probabilidade de que B appareça, será

$$p = \frac{a + c}{a + b + c + d}$$

porque B pode vir em AB e AB.

A probabilidade de que appareça A ou B será visivelmente

$$p = \frac{a + b + c}{a + b + c + d}$$

porque só num caso AB, nem A nem B figuram,

Si A não pode coexistir como B, a é zero e tem-se

$$p = \frac{b}{b + c + d}$$

$$p = \frac{c}{b + c + d}$$

$$p = \frac{d}{b + c + d}$$

e, portanto,

$$p = p + p$$

Logo, si os dois acontecimentos não podem coexistir, a probabilidade de que appareça um delles é a somma das probabilidades isoladas de cada um. E' o principio da probabilidade total.

Na mesma ordem de idéas, a probabilidade de AB é

$$p = \frac{a}{a + b + c + d}$$

porque só a hypothese AB é favoravel.

A probabilidade de A, si B já occorreu será

$$p = \frac{a}{a + c}$$

porque si B já occorreu, só ha possíveis os casos AB e AB e destes o primeiro apenas é favoravel. A probabilidade de A, quando si não cogita de haver occorrido B, é

$$p = \frac{a + b}{a + b + c + d}$$

Si se estabelecer a igualdade

$$p = p$$

os acontecimentos são independentes: a probabilidade é a mesma quer se saiba, quer se ignore o acontecimento anterior. Mas da igualdade

$$p = p$$

ou

$$\frac{a + b}{a + b + c + d} = \frac{a}{a + c}$$

deduzem-se

$$1 + \frac{c + d}{a + b} = 1 + \frac{c + d}{a}$$

ou

$$\frac{c + d}{a + b} = \frac{c + d}{a}$$

ou

$$\frac{c + d}{c + d} = \frac{a + b}{a}$$

ou

$$1 + \frac{d}{c} = 1 + \frac{b}{a}$$

ou

$$\frac{d}{c} = \frac{b}{a}$$

ou

$$\frac{d + c}{c} = \frac{b + a}{a}$$

Façamos esta igual a λ . Teremos

$$d + c = \lambda c, b + a = \lambda a.$$

Em virtude disto tem-se

$$p_1 = \frac{\lambda a}{\gamma a + \lambda \gamma} = \frac{a}{a + \gamma}$$

e como é

$$p_2 = \frac{a + \gamma}{a + \beta + \gamma + \delta}$$

virá

$$p_1 p_2 = \frac{a}{a + \beta + \gamma + \delta} = p_4$$

A probabilidade do acontecimento AB é o producto das probabilidades dos acontecimentos A e B, quando estes são independentes. É o principio das probabilidades compostas.

A probabilidade de um acontecimento é p; a do acontecimento contrario é q. Ha μ occurrencias. Qual a probabilidade de vir o acontecimento favoravel μ vezes e, portanto, o acontecimento desfavoravel $\mu - m$ vezes?

Assimilemos o problema a uma partida entre dois adversarios onde o *impate* seja impossivel. A probabilidade do ganho de A é p e a do ganho de B é q. Os acontecimentos são contrarios, porque se excluem: quando A ganha, B perde necessariamente.

A probabilidade de A, ganhar uma partida sendo p, a de ganhar m par-

das será p.p.p... = p em virtude do principio da probabilidade composta. Mas o numero total das partidas attinge a μ : logo B ganha $\mu - m$ partidas. A probabilidade, portanto, de uma serie em que A vence m partidas e B $\mu - m$, será

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{p^m q^{\mu - m}}$$

Escrevamos a serie das partidas por ordem de successão

$$1^a \ 2^a \ 3^a \ 4^a \ 5^a \dots \ \mu^a$$

N'esta serie ha m partidas ganhas por A e $\mu - m$ ganhas por B. Marquem com um indice a as primeiras.

$$1^a \ 2^a \ 3^a \ 4^a \ 5^a \dots \ \mu^a$$

Figuram pois m indices. A probabilidade de ter esta serie realisada é

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{p^m q^{\mu - m}}$$

Mas evidentemente si a ordem é indifferente, outra serie qualquer em que haja m indices dispostos de outra maneira satisfaz a questão. Por exemplo

$$1^a \ 2^a \ 3^a \ 4^a \ 5^a \dots \ \mu^a$$

e a probabilidade d'esta nova serie é igualmente

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{p^m q^{\mu - m}}$$

Logo, qualquer serie em que haja μ letras e m indices, é uma solução do problema.

Ora o numero d'estas series é igual ao numero de combinações distinctas que se podem formar com μ letras diferentes m a m. As series serão, pois,

$$\frac{S_1 S_2 S_3 \dots S_m}{C^m}$$

qualquer d'ellas com a probabilidade

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{p^m q^{\mu - m}}$$

A probabilidade, por conseguinte, de occorrer uma qualquer dellas será pelo principio da probabilidade total

$$P = p^m q^{\mu - m} + p^m q^{\mu - m} + \dots$$

em que no segundo membro ha C^m isto é

$$\frac{\mu!}{m! (\mu - m)!}$$

parcelas.

Logo a probabilidade pedida é

$$(1) \ P = \frac{\mu!}{m! (\mu - m)!} p^m q^{\mu - m}$$

onde necessariamente é

$$p + q = 1,$$

pois que p + q indica a probabilidade de ganho de um dos adversarios, e esta probabilidade se converte em certeza.

A assimilação que se fez é sempre permittida e a formula (1) é uma solução completa do problema proposto.

Qual o valor de m correspondente á probabilidade maxima?

Para que P seja maximum é necessario que se tenha

$$(2) \ P < P > P$$

$$\frac{p^m q^{\mu - m}}{m + 1} < \frac{p^{m+1} q^{\mu - m - 1}}{m} < \frac{p^m q^{\mu - m}}{m - 1}.$$

Mudando m em m - 1, tem-se

$$P_{m-1} = \frac{\mu!}{(m+1)! (\mu - m + 1)!} p^{m+1} q^{\mu - m - 1}$$

Mudando igualmente m em m + 1, acha-se

$$P_{m+1} = \frac{\mu!}{(m+1)! (\mu - m - 1)!} p^{m+1} q^{\mu - m - 1}$$

ou, o que é o mesmo,

Quando μ é immensamente grande, a formula (3), se pode substituir por uma formula asymptotica, levando em conta o theorema de Stirling:

$$P = \frac{\mu^{\mu - m} e^{-\mu} \sqrt{2\pi\mu}}{p^m q^{\mu - m} \sqrt{2\pi p\mu} \sqrt{2\pi q\mu}}$$

Effectuando simplificações faceis, acha-se

$$(4) \ P = \frac{1}{\sqrt{2\pi p q \mu}}$$

A probabilidade de que o acontecimento favoravel occorra $\mu p - h$ vezes será

$$P = \frac{\mu!}{h^{\mu p - h} (\mu q + h)!} p^{\mu p - h} q^{\mu q + h}$$

h é denominado o afastamento.

A expressão procedente se pode escrever

$$\frac{e^{-\mu} \mu^{\mu} + \frac{1}{2}}{e^{\mu p - h} \mu^{\mu p - h} e^{\mu q + h} \mu^{\mu q + h}} p^{\mu p - h} q^{\mu q + h}$$

$$P = \frac{h^{-\mu p + h} \mu^{\mu p - h} + \frac{1}{2}}{e^{(\mu p - h)h} \sqrt{2\pi}} e^{-\mu q - h} \mu^{\mu q + h} + \frac{1}{2}$$

pela formula de Stirling.

Simplificando, acha-se

$$\mu + \frac{1}{2} \quad \mu p - h \quad \mu q + h$$

$$P = \frac{p^{\mu p - h} q^{\mu q + h}}{h^{\mu p - h} \left(1 - \frac{h}{\mu p}\right)^{\mu p - h} (\mu q)^{\mu q + h} \left(1 + \frac{h}{\mu q}\right)^{\mu q + h} \sqrt{2\pi}}$$

ou

$$P = \frac{1}{\sqrt{2\pi p q \mu} \left(1 - \frac{h}{\mu p}\right)^{\mu p - h} \left(1 + \frac{h}{\mu q}\right)^{\mu q + h}}$$

$$P_{m-1} = \frac{\mu!}{m! (\mu - m)!} p^m q^{\mu - m} \frac{q}{p} \frac{m}{\mu - m + 1}$$

$$P_{m+1} = \frac{\mu!}{m! (\mu - m)!} p^m q^{\mu - m} \frac{p}{q} \frac{\mu - m}{m + 1}$$

ou

$$P_{m-1} = P \frac{q}{p} \frac{m}{\mu - m + 1}$$

$$P_{m+1} = P \frac{p}{q} \frac{\mu - m}{m + 1}$$

Para que se dêem as desigualdades (2), é visivel que se devem ter

$$\frac{q}{p} \frac{m}{\mu - m + 1} < 1$$

$$\frac{p}{q} \frac{\mu - m}{m + 1} < 1$$

ou

$$q m < p \mu - p m + p$$

A 1ª dá ainda, attendendo a que é p + q = 1,

$$m < p \mu + p,$$

e a 2ª

$$p \mu - q < m.$$

Logo é

$$p \mu - q < m < p \mu + p.$$

Dahi se conclue em numeros inteiros

$$m = p \mu$$

e, portanto,

$$\mu - m = \mu - p \mu = \mu (1 - p) = q \mu.$$

A probabilidade maxima é

$$(3) \ P = \frac{\mu!}{p^{\mu} q^{\mu}} \frac{p^{\mu} q^{\mu}}{p^{\mu} q^{\mu}}$$

Os acontecimentos tendem a se produzir proporcionalmente ás suas probabilidades respectivas.

Notemos, porém, que é

$$1. \left(1 - \frac{h}{\mu p}\right)^{\mu p - h + \frac{1}{2}} \left(1 + \frac{h}{q \mu}\right)^{\mu q + h + \frac{1}{2}} =$$

$$= \left(\mu p - h + \frac{1}{2}\right) \left(-\frac{h}{\mu p} - \frac{h^2}{2\mu^2 p^2}\right) + \left(\mu q + h + \frac{1}{2}\right) \left(\frac{h}{\mu q} - \frac{h^2}{2\mu^2 q^2}\right)$$

despresando potencias superiores de $\frac{1}{\mu}$.

O logarithmo precedente é pois,

$$-h + \frac{h^2}{\mu p} - \frac{h}{2\mu p} - \frac{h^2}{2\mu p} + \frac{h^3}{2\mu^2 p^2} - \frac{h^2}{4\mu^2 p^2} +$$

$$+ h + \frac{h^2}{\mu q} + \frac{h}{2\mu q} - \frac{h^2}{2\mu q} - \frac{h^3}{2\mu^2 q^2} - \frac{h^2}{4\mu^2 q^2}$$

ou

$$\frac{h}{2\mu} \left(\frac{1}{q} - \frac{1}{p}\right) + \frac{h^2}{2\mu} \left(\frac{1}{p} + \frac{1}{q}\right)$$

despresando os termos em μ^{-2}

A expressão achada pode se escrever, attendendo a que é $p + q = 1$

$$\frac{h}{2\mu} \left(\frac{1}{q} - \frac{1}{p}\right) + \frac{h^2}{2\mu p q}$$

Conclue-se então que é

$$\left(1 - \frac{h}{\mu p}\right)^{\mu p - h + \frac{1}{2}} \left(1 + \frac{h}{\mu q}\right)^{\mu q + h + \frac{1}{2}} =$$

$$= e^{\frac{h}{2\mu p q} + \frac{h}{2\mu} \left(\frac{1}{q} - \frac{1}{p}\right)}$$

Ter-se-á pars P_h

$$- \frac{h^2}{2\mu p q} - \frac{h}{2\mu} \left(\frac{1}{q} - \frac{1}{p}\right)$$

$$(5) \quad P_h = \frac{1}{V_{2\pi\mu p q}} e$$

Nesta formula h é sempre muitopequeno em relação a μ ; a diferença $\frac{1}{q} - \frac{1}{p}$ tende a diminuir ainda mais o segundo termo do expoente.

Adimittese, então, que é sensivelmente verdadeiro escrever

$$(6) \quad P_h = \frac{1}{V_{2\pi p q \mu}} e^{-\frac{h^2}{2\mu p q}}$$

A probabilidade de um afastamento comprehendido entre o e H se obtem immediatamente pelo theorema da probabilidade total. Supponhamos que os afastamentos são possíveis entre os limites o e H e formados pela serie

$$o \quad u \quad u \quad \dots \quad u \quad \dots \quad u \quad \left(u \leq H\right)$$

$$1 \quad 2 \quad 3 \quad \dots \quad i \quad \dots \quad n$$

A probabilidade do afastamento comprehendido entre o e H será a somma das probabilidades individuaes dos afastamentos $o \quad u \quad u \quad \dots \quad u$
 $1 \quad 2 \quad i \quad n$

Ter-se-á, pois, segundo uma notação facil de comprehender

$$P = \sum_{i=0}^{i=n} \frac{1}{V_{2\pi\mu p q}} e^{-\frac{u_i^2}{2\mu p q}}$$

com a condição de ser $u_0 = 0$.

Si os afastamentos comprehendidos entre o e H constituem uma serie continua, procedendo, portanto, segundo diferenças infinitesimaes, os principios do calculo integral auctorizam a escrever

$$(7) \quad P = \frac{1}{V_{2\pi\mu p q}} \int_0^H e^{-\frac{z^2}{2\mu p q}} dz$$

A probabilidade de um afastamento compreendido entre $+H$ e $-H$ será

$$P = \frac{1}{\sqrt{2\pi\mu pq}} \int_{-H}^{+H} e^{-\frac{z^2}{2\mu pq}} dz$$

Esta formula se pode transformar. Façamos

$$\frac{z}{\sqrt{2\mu pq}} = t$$

Teremos

$$P = \frac{1}{\sqrt{2\pi\mu pq}} \int_{-\frac{H}{\sqrt{2\mu pq}}}^{\frac{H}{\sqrt{2\mu pq}}} e^{-t^2} \sqrt{2\mu pq} dt$$

$$P = \frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\frac{H}{\sqrt{2\mu pq}} \text{ ou } \frac{H}{\sqrt{2\mu pq}}}^{\frac{H}{\sqrt{2\mu pq}}} e^{-t^2} dt$$

A probabilidade de um afastamento compreendido entre $+\infty$ e $-\infty$ deve ser igual á unidade, porque é certo que o afastamento occorra entre estes limites.

Logo deve ser

$$\frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\infty}^{+\infty} e^{-t^2} dt = 1$$

d'onde

$$\int_{-\infty}^{+\infty} e^{-t^2} dt = \sqrt{\pi}$$

o que é uma verificação da justeza dos principios (aliás além da expectativa pois que as formulas são asymptoticas), desde que a integral precedente é, como se sabe

$$\int_{-\infty}^{+\infty} e^{-t^2} dt = \sqrt{\pi}$$

Convem determinar um afastamento η tal que a probabilidade de um afastamento inferior a η em valor absoluto seja igual á probabilidade de um afastamento superior. Em outras palavras:

A probabilidade de um afastamento compreendido entre $+\eta$ e $-\eta$ é $\frac{1}{2}$ η se deduz, então, da equação

$$\frac{1}{\sqrt{\pi}} \int_{-\frac{\eta}{\sqrt{2\mu pq}} \text{ ou } \frac{\eta}{\sqrt{2\mu pq}}}^{\frac{\eta}{\sqrt{2\mu pq}}} e^{-t^2} dt = \frac{1}{2}$$

d'onde, pelas taboas de Kramp,

$$\eta = 0,4763 \cdot \sqrt{2\mu pq}$$

Os theoremas e resultados anteriores referem-se a acontecimentos quaesquer, que pela sua complexidade e variabilidade occorrem como meros effectos do acaso. E já fizemos notar que em virtude da nossa ignorancia, esta palavra conserva um sentido. Todavia ha na sua significação intrinseca um elemento de contradicção e incongruencia com os principios fundamentais da sciencia. Para um acontecimento isolado o acaso não tem predilecções e não obedece a leis. E' a unica logica, aliás negativa, do arbitrario.

Entretanto, quando os acontecimentos de uma mesma categoria se multiplicam indefinidamente, é essa mesma logica que nos faz descobrir na massa compacta dos phenomenos regras fixas e não arbitrarías, leis precisas que se traduzem por equações. Seria, portanto, irracional applical-as a factos isolados ou pouco numerosos, quando ellas presuppõem a coexistencia de uma immensidade d'elles. Não repugna á razão humana admittir certa harmonia na distribuição das provas incessantemente repetidas, ao passo que seria contradictorio suppor uma conducta qualquer para os pequenos numeros.

Assimilamos os erros fortuitos, inherentes a todas as observações, a effectos do acaso. A experiencia mostra que, si as observações são numerosas, o numero de erros positivos é sensivelmente igual ao numero de erros negativos.

Ainda mais: os grandes erros são pouco frequentes e os pequenos se accumulam em torno do erro nullo.

Os erros são produzidos por causas cuja natureza ignoramos. Apenas se deve crêr que essas causas são em numero immensamente grande. Entre ellas umas tendem a alterar profundamente as observações; outras têm uma influencia desprezível. Mas pode-se dar a taes causas um arranjo ficticio e consideral-as occupando duas categorias—causas positivas e causas negativas—de igual probabilidade. Uma observação põe em jogo um certo numero de causas positivas e um certo outro numero de causas negativas. A maxima probabilidade é que occorram tantas causas positivas como negativas. Um excesso sobre este numero será um afastamento, e a probabilidade de um comprehendido entre O e H será

$$\frac{1}{\sqrt{2\pi\mu pq}} \int_0^H e^{-\frac{z^2}{2\mu pq}} dz$$

em que $p=q=\frac{1}{2}$

□ E' obvio que este afastamento será proporcional ao erro commettido.

Designando por ε o erro correspondente ao afastamento H , ter-se-á

$$H = \lambda \varepsilon$$

λ sendo um coefficiente constante de proporcionalidade n'esta serie de observações.

Assim a probabilidade de um erro comprehendido entre o e ε será

$$P = \frac{1}{\sqrt{2\pi\mu pq}} \int_0^{\lambda \varepsilon} e^{-\frac{z^2}{2\mu pq}} dz$$

Façamos

$$z = \lambda t,$$

virá

$$P = \frac{\lambda}{\sqrt{2\pi\mu pq}} \int_0^{\varepsilon} e^{-\frac{\lambda^2}{2\mu pq} t^2} t^2 dt$$

Emfim ponhamos

$$\frac{\lambda}{\sqrt{2\mu pq}} = h,$$

e acharemos

$$(8) \quad P = \frac{h}{\sqrt{\pi}} \int_0^{\varepsilon} e^{-h^2 t^2} dt$$

para probabilidade de um erro comprehendido entre o e ε .

OTTO DE ALENCAR SILVA

(Continúa)

NOTAS MERCANTIS

CAMBIO

Com o pretexto do imminente conflicto armado entre a Inglaterra e a Russia, tiveram occasião os baixistas de pôr em execução os seus planos para a baixa do cambio, no decorrer da semana passada, tendo os negocios regulado entre os extremos de 12 3/8 d. e 12 9/32 d. Porém, descrentes de tal boato, passaram os bancos a comprar a 12 3/8 d. com os saques a 12 5/16; mas, insistindo o ratrahimento, subiram o bancario a 12 11/32 d. e particular a 12 13/32 d., sendo que com esses preços permaneceu o mercado firme.

No principio da presente semana, manteve-se a attitude do mercado na de alta, si bem que pouco notavel.

Ao deixarmos o mercado, tinham os bancos affixado a seguinte tabella:

	90 dias	à vista
Republica	12 5/16	—
London	12 5/16	12 3/16
River Plate.....	12 5/16	12 3/16
Briths Bank.....	12 5/16	12 3/16
Allemao.....	12 3/8	12 1/4

CAFÉ

Tivemos inalterada a situação do mercado na semana expirante, não se tendo notado melhora de preços, apesar da sensível baixa do cambio.

As offertas dos exportadores, na semana anterior, foram mantidas.

As entradas de café, de 26 de Outubro a 2 de Novembro, foram:

	Saccas
Pela Estrada do Ferro Central.....	33.743
Por catotagem.....	3.305
De Barra a dentro.....	30.231
Total.....	67.279

Os embarques no mesmo periodo, foram de 65.469 saccas com varios destinos, e as vendas foram feitas aos preços extremos de 9.300 a 9.500 para o typo 7, de New-York.

A existencia no dia 2 do corrente era de 519.563 saccas.